

*bem de ouro.* Lembra-me, se esta Familia em Castella deduziria o tal appellido do Rio *Agueda*, ou *Ageda*, que os Geographos dizem, que nasce no Reino de Leão, passa por Ciudad Rodrigo, e se mette no Douro quasi que na fronteira de Portugal; ou se os *Aguedas* Portuguezes se chamariaõ assim da Villa de *Agueda*, situada na margem septentrional do Rio Vouga, e na estrada que vai do Porto para Coimbra. O certo he, que tanto o appellido de *Agueda*, como as armas, que dá a esta Familia o P. Purificação, me permitem huma curiosa observação. Eu tenho hum Nobiliario muito antigo, que tractando de hum ramo dos Pereiras, chamados do *Gege*, diz, que em tempo do nosso Rei D. Fernando houve no lugar de Veiros hum homem honrado, e rico, segundo o estado da terra, chamado Fernão, ou Pero Esteves, por alcunha o Barbadaõ, o qual teve de sua mulher hum filho, e huma filha: Que o filho houve por nome João Mendes de Agueda, e que casou com Isabel Pereira, filha de Alvaro Pereira, Senhor de Soufel, de quem teve a Affonso Pereira, Reposteiro mór de ElRei D. Affonso V, que foi morto na batalha de Toro, Fernão Pereira, Senhor de Castro Dairo, Penella, Lalim, e Quinta de *Gege*, que deo o nome a seus descendentes; Violante Pereira, primeira mulher de Martim Affonso Valente, Senhor do Morgado da Povia, e depois do D. João Fernandes da Silveira, Regedor da Casa do Civel, e Baraõ de Alvito; e D. Brites Pereira, mulher de D. Diogo de Castro, o primeiro Capitaõ de Evora. „ A filha (diz o „ Livro) teve por nome Ignez Peres, de quem ElRei „ D. João I, sendo ainda Mestre de Aviz, houve hum „ filho, que chamaraõ D. Affonso, e foi o primeiro Du- „ que de Bragança; e depois de o haver, foi a Mãe Com- „ mendadeira de Santos; e contaõ alguns (continúa o „ Livro) que foi o Pai tam anojado de ella assim parir „ do Mestre de Aviz, que nunca mais cortou a barba, „ e pela trazer mui comprida lhe chamaraõ o Barbadaõ „ d'alcinha; e nem sendo o Mestre já Rei, se pode acabar „ com elle, que o visse, nem lhe fosse beijar a maõ. „ Concorda esta Relação com o que discorre o P. Sousa (a)

Aaa

na

(a) Souf. Hist. Gen. tom. 2. liv. 3. pag. 49. e seg.



na Historia Genealogica da Casa Real, fundado em documentos autenticos sobre o Pai de D. Ignez, Mãi do Duque D. Affonso, e fomite differe no appellido, que dá ao referido Joaõ Mendes, filho do Barbadaõ, ao qual diz chamavaõ Joaõ Mendes da Guada, e que fora Corregedor da Corte em tempo de ElRei D. Affonso V; e o meu Nobiliario antiquissimo lhe dá o nome de Joaõ Mendes de Agueda, o que de algum modo concorda melhor com as noticias, que temos da Familia de *Agueda*, Castelhana, que o P. Purificaçaõ diz ser antiquissima, e muito nobre das Montanhas: e o mesmo P. Sousa me dá fundamentos para eu crer, que o Pai de D. Ignez era da dita Familia de *Agueda*; pois diz, que alguns Genealogicos chamaõ ao tal Pai de D. Ignez, *Mem da Guada*, Castelhana, que morou em Veiros, signal, de que a tradicçaõ concorria para se lhe reter o appellido na memoria das gentes, que antes seria *Agueda* (por haver esta Familia em Castella, e dizem muitos Genealogicos, que o Pai de D. Ignez era Castelhana) que *da Guada*, que não tem os mesmos fundamentos; e ser facil, que os amanuenses escrevessem *da Guada* por *de Agueda*, como he trivial; e que as poucas luzes, que havia da Familia, de que aqui se tracta, obrigassem a adoptar antes o appellido *da Guada*, que o *de Agueda*. Acresce para o meu reparo a qualidade das armas, que se dão a esta Familia pelo dito Purificaçaõ. Sabemos que o Grypho, animal fabuloso, que por diante se assemelha á Aguia, e por detrás ao Leão, foi pelos antigos consagrado a Jupiter, e á Deosa Nemesis, e tambem ao Sol, cujo carro pintavaõ puxado por Gryphos. Os mesmos antigos entenderaõ, que o animal Grypho era vigilante guarda dos thesouros; e o pintar-se nas armas dos *Aguedas* hum Grypho coroado de ouro, e com hum Astro, ou estrella do mesmo ouro, dá materia para varias allegorias, e interpretaçoens, que se queiraõ fazer destas figuras ácerca do Pai de D. Ignez, della mesma, e de seu irmaõ, Joaõ Mendes de Agueda, e mais *Aguedas*, que houvesse neste Reino, o que eu omitto, porque promettí ser Historiador, e não Interprete.



## 12. AGUIAR.

*Lam.* A esta Familia dá a *Nobiliarchia* por armas hum *Agua vermelha estendida*, e armada de preto em campo de ouro, e por tymbre outra *Agua*: no que convêm o Rei de Armas, Coelho; (a) e Severim diz, que a *agua he cifra do appellido*. (b) O dito Coelho persuadio-se, que o Solar dos Aguiares deve ser reputado o Castello de Aguiar, que tomou o Rei Mouro Almanzor, na Ribeira de *Jacoso*, Provincia de Portugal, como se escreve na Chronica dos Godos. O que diz esta Chronica na copia do Chronista mór, Fr. Antonio Brandaõ, he isto: (c) *Era 1033. Almanzor cepit Castellum de Aguilar, quod est in ripa Sausa in Portugalensi Provincia.* O M.<sup>e</sup> Flores, que deo correctã, e illustrada esta Chronica, (d) nos conta este successo assim: *Era MXXXVIII. Cepit Almanzor Castellum Aquilar, quod est in ripa de Sousa Provincia Portugalensi*: e ou o successo fosse na Era de 1033, como diz o primeiro, que vem a ser no anno de Christo 995, ou fosse na Era de 1038, como quer o segundo, que vem a ser no anno mil de Christo, he certo, que Coelho não leo bem a Chronica, porque nella se não nomêa a Ribeira de *Jacoso*, mas a de *Sousa* no termo da Cidade do Porto, e tres legoas acima da dita Cidade, onde hoje se vê a Freguezia de S. Romaõ de Aguiar, Cabeça do Concelho de *Aguiar de Sousa*, a quem ElRei D. Manoel deo foral em 25 de Novembro de 1515. (e) Creio porém, que Coelho se guiou meramente pelo que contaõ Brito, e Faria da entrada de Almanzor na Beira; e que confundio a Villa de Aguiar desta Provincia, distante seis legoas de Viseo, com o Castello de Aguiar, que a Chronica Gothica sitúa com clareza na margem do Rio *Sousa*, que entra no Douro duas legoas acima do Porto, defronte do Lugar de Arnellas. Se o dito Castello deo o nome, ou o tomou da Familia de *Aguiar*, não póde constar com certeza, se bem a dita Familia he das mais antigas

Est. 1.  
Esc. 11.

Aaa 2

do

- (a) Prov. da Hist. Gen. tom. 6. pag. 674.  
 (b) Sever. Not. de Port. pag. 99.  
 (c) Mon. Lusit. tom. 3. in App. fol. 27.  
 (d) Flor. Espan. Sagr. tom. 23. App. 7. pag. 337.  
 (e) Corogr. Port. tom. 1. pag. 379.



do nosso Reino; como colligireis pelo que della diz o nosso Chronista mór, Brandaõ. (a) „ De Pedro Mendes de „ Aguiar (diz elle) faz titulo particular o Conde D. Pedro, „ que he em numero o 62, nomeando seus Pais, e Avós „ até D. Gueda, o velho, seu tresavô, de quem diz, que „ procedem os *Gedeans*; e conforme a computação dos „ tempos Pedro Mendes alcançou o reinado de ElRei „ D. Affonso Henriques; e assim se mostra ser o appelli- „ do de *Aguiar* hum dos antigos do Reino. „

*D. Hug.* Eu assim o entendo, por que se Pedro Mendes de Aguiar alcançou o reinado de D. Affonso Henriques, que conforme a citada Chronica Gothica foi aclamado Rei com o vencimento da batalha de Ourique na Era de 1177, que vem a ser o anno de Christo 1139, não he de admirar, que seu terceiro avô, D. Gueda, vivesse antes do anno de mil, e fundasse elle, ou algum dos seus ascendentes o Castello de *Aguiar de Sousa*, que nesse anno tomou o Rei Almançor, como diz a Chronica: e he muito certo, que esta Familia de *Aguiar* tinha por costume dar o seu appellido ás terras, que adquiria, ou fundava. D. Antonio Soares de Alarcão nas suas *Relações Genealogicas* (b) cita huma escritura do anno de 1274, que he huma doação, que o Mestre, e Ordem de Santiago fizeraõ a Martin Annes do Avinhal, que era desta Familia, do Lugar dos Padroens, sito no Campo de Ourique, e nella se lêem estas clausulas: „ Damos e otorgamos a vos . . . . e áquel- „ les vossos hereres, que de vós descerem por vosso „ herdamento para todo sempre so a maneira, e so as „ condicions, que adiante son escritas en esta Carta, „ es nosos Logares, que son chamados os *padrois*, a „ que vós posestes nome *Aguiar dos padrois*, que son „ en ó Campo Ourique, &c. „ Declara depois os muitos serviços, que a Ordem tinha recebido de Martin Annes, os quais na verdade são dignos de serem lidos, e os bens, que delle e sua Familia tinhaõ alcançado; e diz a mesma doação assim: „ E outro si pelo Castello de *Igi- „ ar*, que era vosso herdamento, que nos avemos de „ „ vós,

(a) Mon. Lusit. tom. 4. liv. 14. cap. 5.

(b) Alarcon, Relaçoa. Gen. in Append. pag. 115.



5 vós, que nos entregou D. Gil Gomes, vosso tio, em ,,  
 ,, vosso nome, e por vosso outorgamento, quando nos ,,  
 ,, deo os Castellos de *Asnar*, &c. ,, Mas dizei-me, Se-  
 nhor Lami, tendes vos sabido com certeza, quem era  
 aquelle D. Gueda, o velho, que segundo o Conde D. Pedro  
 não só foi o tronco dos *Gedeons* por seu filho D. Mem Gue-  
 das, de que tracta no Titulo 30, mas dos *Aguiares* por seu  
 filho D. Haer Guedas, de que tracta no Titulo 62.

*Lam.* O Marquez de Montebello (*a*) quer, que o tal  
 D. Gueda fosse Godo de nação, e do Solar de *Norvegia*,  
 de que diz era Senhor no seu tempo Ovidio Gueda, Go-  
 vernador de *Nollandia*. Porém Alvaro Ferreira de Vera,  
 citado pelo vosso Trelles, diz, (*b*) que os *Aguiares* pro-  
 cedem de hum dos Cavalheiros Mosarabes de Toledo, cha-  
 mado Mem Gomes, o qual passou a Portugal com o Con-  
 de D. Henrique, e teve por filho ao Conde D. Gueda, o  
 velho, a quem o mesmo D. Henrique dera o Solar de  
*Aguiar*, que ficou por appellido a seus descendentes: no que  
 entendo padeceraõ ambos equivocação, porque se Pedro  
 Mendes de Aguiar, terceiro neto de D. Gueda, alcançou  
 o reinado de ElRei D. Affonso Henriques, como diz o nos-  
 so Chronista, não he muito verosimil, que seu quarto  
 avô fosse, o que passasse a Portugal com o Conde D. Hen-  
 rique, Pai do referido Rei D. Affonso. Quando as noticias  
 são tam antigas, e se não achaõ bem affiançadas, e con-  
 formes com a Chronologia, e Historia, he muito melhor  
 remetter ao silencio, que discorrer coizas tam inverosimeis.  
 O certo he, que na opiniaõ de D. Antonio Soares, que ja  
 citastes, a quem tanto importava a Familia dos *Aguiares*,  
 porque tinha fangue della; esta Familia Portugueza, e a  
 dos *Aguilares* de Espanha he toda a mesma, e por isso não  
 fei, se faremos bem em as separar huma da outra. Gandara  
 no Nobiliario de Galliza tambem não aprova a separação,  
 e faz natural daquelle Reino a Familia, de que tractamos;  
 (*c*) o que corrobora D. Antonio Soares nas *Relações Ge-*  
*ne-*

(*a*) Marq. de Montebel. Not. ao Nobil. pl. 162.

(*b*) Vera, Not. á pl. 162. Trelles. Astur. Illust. tom. 2. part. 3. cap.  
 43. n. 6.

(*c*) Gandar. Nobil. de Galliz. liv. 3. cap. 7. pag. 346.



*nealogicas*, (a) pois diz, que Rui Dias de Aguiar ascendente dos Marquezes de Trocival, Condes de Torres Vedras, e das mais Casas illustres, que allí declara, foi hum Cavalheiro de Galliza, que passou a Portugal em tempo de ElRei D. Joaõ I, o qual era descendente por varonia de D. Gueda, o velho. A mesma opiniaõ segue o moderno Trelles, (b) que tractando de Fernando Alvares Villamil, affirma, que casara com Maria Mendes de Aguiar, filha de Alvaro Dias, e de sua mulher Maria Basanta de Aguiar, Senhores da Casa de *Aguiar* em Galliza, que no tempo presente possuem os Marquezes de la Puebla de Parga, Senhores da Fortaleza de Tores, e das Casas de Bolaño, Ribadeneyra, e outras. As Casas distintas, e muitas Titulares, deste Reino, em que entrou o sangue dos *Aguiares*, estaõ nomeadas pelo dito D. Antonio Soares, por D. Luiz de Salazar na Historia da Casa de Silva, (c) e pelo nosso P. Souza na Historia Genealogica da Casa Real. Delles disse o Autor das Coplas:

De *Aguiar* foraõ Senhores,  
Verdadeiros, e leais,  
De antigos antecessores,  
Cavalleiros principais,  
Da patria sempre amadores.

E creio eu, que para se julgar muito predicamentada esta Familia neste nosso Reino, basta lembrar o casamento de Gonçalo Annes de Aguiar, Senhor de *Aguiar*, com huma filha de D. Pedro Annes de Menezes, e de sua mulher, D. Urraca Fernandes de Lima; pois esta era bisneta do Conde D. Henrique, tronco dos nossos Reis, e aquelle era neto do Rei D. Sancho I de Portugal. (d) Em huma palavra os *Aguiares* deraõ em todas as épocas muitas provas da sua fidelidade, e do seu merecimento aos nossos Principes; sendo por elles empregados em officios honrosos;

(a) Alarcon, Rel. Genealog. liv. 4. pag. 419.

(b) Trel. Astur. Illustr. tom. 2. part. 3. cap. 47. pag. 179.

(c) Salaz. Caz. de Sylv. tom. 2. pag. 119. 771. 818.

(d) Prov. da Hist. Genealog. tom. 6. pag. 675.



e no serviço da nossa Casa Real. Desde ElRei D. Fernando para cá não faltaõ nas Historias testemunhos desta verdade. No anno de 1367 era Alcaide mór de Monte mór, o novo, Pedro Affonso de Aguiar. (a) No anno de 1477 apparece Alvaro de Aguiar no catalogo dos Fidalgos da Casa de ElRei D. Affonso V. Em 1484 eraõ Fidalgos da Casa de ElRei D. Joaõ II Jorge de Aguiar, e Cid de Aguiar. Pedro Affonso de Aguiar foi Fidalgo do Conselho de ElRei D. Manoel, e de ElRei D. Joaõ III, e deste ultimo o foraõ tambem Pedro de Aguiar, filho de Estevaõ de Aguiar, Gonçalo Gorizo, seu irmaõ, e Ambrosio de Aguiar. (b) Nas expediçoens da India foraõ varios filhos desta Familia empregados com honra, como foi Pedro Affonso de Aguiar, o moço, que tendo servido a patria no Reino, e de Capitaõ de mar e guerra na India, foi nomeado Almirante do Marechal D. Fernando Coutinho, como declara Joaõ de Barros; (c) e tambem Almirante da armada, que conduzio a Saboia a Infanta D. Beatriz, filha de ElRei D. Manoel, no anno de 1521, como attesta Damiaõ de Goes: do qual igualmente consta, que este Pedro Affonso de Aguiar, General da armada que passou a Flandres em 1523, pelejou esforçadamente no Canal de Inglaterra contra os Francezes, e Inglezes, como presenciou o mesmo Goes. (d) Em tempo de Philippe II foi Ambrosio de Aguiar nomeado Capitaõ General das Ilhas Terceiras: (e) e finalmente, para não ser prolixo, basta, que vos remetta aos Escriitores citados, em que achareis muitos filhos desta Familia exercitando no Reino, e nas Conquistas lugares, em que reluzio muito o seu valor, e a sua fidelidade. Até na ordem da Litteratura tiveraõ os *Aguiares* pessoas egregias; porque Jorge de Aguiar, Alcaide mór de Monforte, e Capitaõ mór da armada, que se expedio para a India no anno de 1508, foi muito applicado á Poesia Lyrica, como se mostra de alguns versos seus,

(a) Mon Lusit. tom. 8. liv. 22. Cap. 7. pag. 48.

(b) Prov. da Hist. Genealog. tom. 6. pag. 38. 177. 179. 180. 357. 366. 800. 804. 823. 830. 835.

(c) Barr. Decad. da Ind. Part. 1. liv. 6. cap. 1.

(d) Goes, Chron. de ElRei D. Manoel, P. 1. Cap. 68. e 96. P. 31 cap. 23 Part. 4. cap. 50.

(e) Cordeir. Hist. Insul. liv. 6. Cap. 25. pag. 360.



leus, e com o seu nome, que correm impressos no Cancioneiro de Garcia de Resende da edição de 1516 nos lugares, que declara a Bibliotheca Lusitana: (a) e Damiaõ de Aguiar, Desembargador do Paço, e Commendador na Ordem de Christo, foi hum varaõ de tam avultados merecimentos, que o Summo Pontifice Clemente VIII em hum Breve, que dirigio ao Rei Philippe III, transcrito pelo nosso Barbosa, (b) o louva, realça, e recommenda com termos os mais honrosos, e significantes: *Visus est autem nobis idem Damianus vir prudens, & præstanti virtute, eumque amore summo profecuti sumus, veterisque nostræ cum eo conciliatæ amicitia semper memores fuimus, & nunc plane sumus*, diz o Breve. Palavras na verdade bem expressivas, e proprias para dar a conhecer o merecimento deste egregio Portuguez, e da amizade, que lhe professava o Pontifice, contrahida desde o tempo, em que assistio neste Reino (antes de ser Papa) com o Cardeal Alexandrino. O que porêm tambem serve de grande lustre á Familia dos *Aguiares*, he o ter sido progenitora da M.<sup>e</sup> Benta de Aguiar, Reformadora do Mosteiro de S. Maria de Cós, e sua Abbadeça, a qual, sendo filha de Pedro Cerveira, Commendador na Ordem de Christo, e de sua mulher, D. Francisca de Aguiar, se fez pelas suas virtudes, penitencias, e revelaçoes respeitavel no decimo sexto seculo, merecendo a veneraçãõ constante de todos os que a conheciaõ, e até do Cardeal D. Henrique, depois Rei deste Reino, como lemos no Agiologio Lusitano. (c) Na sua sepultura se acha gravado o seguinte letreiro:

*Aqui jaz D. Benta de Aguiar, Primeira Abbadeça desta Reformaçaõ, que viveo 75 annos, e rego 48, e 3 mezes, e 11 dias. Benta na vida, e Aguia na subida ao Ceo. Faleceo a 15 de Junho de 1578.*

(a) Barb. Bibl. Lusit. tom. 2. pag. 790.

(b) Id. tom. 1. pag. 610.

(c) Agiolog. Lusit. tom. 3. pag. 692. e 700.



## 13. AGUILAR.

*Lam.* A esta Familia dá Villasboas por armas *huma* <sup>Est. 1.</sup>  
*Aguia vermelha*, com pernas, e bico negros, e a lingua <sup>Est. 13.</sup>  
*vermelha em campo de ouro*; e sobre os peitos da *Aguia*,  
 e parte das azas, que estarão estendidas, *hum crescente de*  
*Lua de prata*; e por tymbre a mesma *Aguia*. O Rei de  
 Armas, Coelho, censura o crescente sobre a *Aguia* nas  
 armas dos *Aguilares*, e diz, que as armas destes são as  
 mesmas, que as dos *Aguiares*, e que o crescente pertence  
 á Familia *Guivar*, ou de *Guivar*, que he de Cordova.  
 Purificação porém diz, que os *Aguilares* tem por armas  
 em campo de ouro *huma Aguia parda com pés*, e bico de  
*purpura*, e que nos peitos terá a dita *Aguia hum escudete*  
*branco com tres faxas vermelhas*, que são as armas de Cor-  
 dova, e affirma, que estes Fidalgos se não appellidão  
*Aguilares* por linhagem, mas por Senhorio, quero dizer,  
 por serem Senhores da Villa de *Aguilar*, chamada de *la*  
*Frontera*, e que são da Casa de Cordova.

*D. Hug.* Não ha duvida, que D. Gonçalo Fernandes  
 de Cordova, Rico-Homem de Castella, III Senhor de Ca-  
 ñete, Alcaide mór de Cordova, foi o primeiro Senhor  
 de *Aguilar*, que o Rei D. Henrique II lhe deo com as  
 Villas de Priego, Montilla, Monturque, e Castilanzur  
 em 1370: e que muitos dos seus successores se appellida-  
 raõ *Aguilares*, como fez por exemplo seu neto, D. Pe-  
 dro Fernandes de Cordova e Aguilar, (a) que foi III Se-  
 nhor desta Villa, e da de Priego, e outras muitas, Ri-  
 co-Homem, Alcaide mór de Alcalá a Real &c. do qual  
 descende a maior parte das Casas Grandes da nossa Mo-  
 narchia; e estes *Aguilares* por Senhorio são certamente da  
 Familia dos Cordovas, e destes disse o Autor das Coplas:

Dos de Cordova he brazaõ,  
 Taõ ditoso em guerrear,  
 Appellido de *Aguilar*  
 Dos Godos he geraçaõ,  
 Que em Castella não tem par.

Bbb

Po-

(a) Trel. Astur. Illustr. tom. 7. pag. 88.



Porém deveis saber, que alguns dos nossos Genealogicos dizem, que a Familia propriamente de *Aguilar* teve por Solar o antiquissimo Castello deste nome, situado entre os Rios de Navia, e Porcia, como se prova de varios instrumentos existentes nos archivos da Santa Sé Cathedral, e Convento de Benedictinas, chamado da Veiga, de Oviedo, onde principalmente se acha huma doação, que no anno de 1254 fez ao dito Convento da Veiga Rodrigo Sanches de Aguilar, Senhor do mesmo Solar, e Castello, (a) cujos descendentes passaram a estabelecer-se em Villa Viciosa, e possuirão o Castello de S. Jurde, e outro, chamado tambem de *Aguilar*, em Peñamellera, que hoje possui com outras muitas terras o Conde de la Vega de Sella, como successor desta Casa: e dizem os ditos Genealogicos, que estes *Aguilares* procedem de D. Alvaro Dias de Asturias, filho de outro do mesmo nome, e de sua mulher, D. Urraca Peres de Aguilar, filha, e herdeira de D. Pedro Rodrigues de Aguilar, Senhor do referido Castello, e Solar de *Aguilar*, e filho, ao que parece pelo patronimico, do referido Rodrigo Sanches de Aguilar, bemfeitor do Mosteiro da Veiga, no qual foi Abadeça sua filha, D. Sancha Alvares de Aguilar; e outra, que houve por nome D. Urraca Alvares de Aguilar (além de D. Rodrigo Alvares de Aguilar, que succedeo na Casa) foi casada com Melen Soares de Valdes, Cavalheiro bem decantado nas Chronicas de Castella, e progenitor dos Senhores das Torres de S. Cucado, e outras grandes Casas. O dito Alvaro Dias de Asturias foi Rico-Homem, e bem conhecido pelo titulo de Senhor de Orbaneja. O certo he, que os *Aguilares* gozaram sempre em Castella huma bem merecida estimação pelas suas proezas, pelos empregos honorificos, que obtiveram, e pelos illustres casamentos, que celebraram, de que estão bem providas as nossas Historias. Se vós consultardes as Relações Genealogicas (b) de Alarcão, achareis noticias bem gloriosas para esta Familia. Vereis tambem na *Asturias Illustrada*, (c) que este appellido de *Aguilar* exorna

(a) Pellic. Memor. do Cond. de Mirand. §. 22. n. 24.

(b) Rel Gen. lib. 4. pag. 347.

(c) Trell. Astur. Illustr. tom. 2. p. 2. pag. 279.



os Duques de Faria, Medinaceli, e outras Grandes Casas Castelhanas, e dá titulo a hum Condado assás famoso neste seculo, em que o logrou D. Inigo da Cruz Manrique de Arellano Mendoza e Alvarado, XI Conde de Aguilar, e de Villamor, Marquez de la Hinojosa, XIV Senhor de los Cameros, Grande de Espanha, Cavalleiro do Tufão, e famoso General, de que tractaõ as nossas Historias com respeito. Tivemos tambem hum Cardeal desta Familia, chamado D. Alonso de Aguilar, creado pelo Papa Innocencio XII em 22 de Julho de 1697; o qual foi Inquisidor Geral de Espanha, e faleceo em Madrid no anno de 1699 Dizei-me porèm agora, se a Familia de *Aguilar*, que passou a estabelecer-se neste Reino, existe ainda nelle?

*Lam.* Saõ os *Aguilares* muito antigos em Portugal, porque da Chancellaria do nosso Rei D. Fernando (a) consta, que no anno de 1372 deo este Monarca a Tello Gonçalves de Aguilar a terra de Vermoim; o qual Tello Gonçalves foi hum dos Fidalgos Castelhanos, que passaram a este Reino em tempo do referido Rei D. Fernando, como escreve Duarte Nunes de Leão, (b) e depois serviraõ na Casa Real com diversos foros varios Fidalgos desta Familia, como v. gr. Philippe de Aguilar, que foi Moço Fidalgo da Casa de ElRei D. João III, e depois Mestre Sala de ElRei Philippe I deste Reino, (c) &c. o que he bastante, para mostrar a Nobiliarchia Portugueza interessada na memoria desta Familia, quando não existisse de presente

A Casa dos AGUILARES MEXIAS de Elvas, possuida por D. José de Aguilar Monroy e Menezes, Fidalgo da Casa Real, e Coronel do Regimento de Serpa com patente de Brigadeiro, filho de D. Affonso de Monroy Aguilar e Menezes, tambem Fidalgo da Casa Real, e de sua mulher, D. Margarida Cecilia de Menezes, filha de D. Francisco Furtado de Mendocça e Menezes, Senhor das Casas de Argemil, e Freiria, de que já tractamos na Descripção da Freguezia de S. Marinha; neto o dito D. José de

Bbb 2

(a) Monarch. Lusit. tom. 8. pag. 157.

(b) Duart. Nun. Chron. de D. Fern. fol. 62. vers.

(c) Prov. da Hist. Geneal. tom. 2. pag. 839. e tom. 6. pag. 642.



de Aguilar Monroy e Menezes de D. Joaõ de Aguilar Mexia, e de sua mulher, D. Francisca Xavier da Gama Sottomayor, filha de Affonso da Gama Palha; e era D. Joaõ de Aguilar Mexia neto de outro D. Joaõ de Aguilar Mexia, que foi Alcaide mór e Commendador de Collos, e Gravaõ. O mencionado D. José de Aguilar Monroy e Menezes, ultimo possuidor, he casado com D. Antonia de Vilhena e Menezes, filha de Henrique de Mello da Azambuja, Fidalgo da Casa Real, e Senhor do Morgado da Louceira, e de sua mulher, D. Eugenia de Menezes, filha do referido D. Francisco Furtado de Mendocça e Menezes, Senhor das Casas de Argemil e Freiria; e teve Henrique de Mello da Azambuja por Pai a Sancho de Mello da Azambuja, Fidalgo da Casa Real, Commendador de Manteigas, e Mestre de Campo de Infantaria Auxiliar, e por Mãi a D. Maria Teresa de Vilhena, filha de D. Antonio de Menezes, Alcaide mór de Cintra, da Casa de Alconchel, e Fermoselhe: e como ha successaõ nesta Casa, podeis ajuntar esta illustre linha dos *Aguilares* de Elvas na Historia, que fizerdes de toda a Casa de *Aguilar*.

## 14. AGUILERA.

Est. 10. D. Hug. A vossa Nobiliarchia não faz menção do ap-  
Esc: 14. pellido de *Aguilera*, e por isso ignoro a razaõ, porque  
o inferistes no vosso mappa.

Lam. Não teve razaõ o Doutor Villasboas em se esquecer desta Familia, a quem o M. Purificação dá por armas em campo de ouro huma *Aguia negra volante*, com humo orla de prata, perfilada de negro, com sette vieiras negras, riscadas de ouro; porque das nossas Historias consta abundantemente, que ella passou a Portugal, e servio a nossa Casa Real. Do livro dos Officiaes, e Moradores da Casa da Rainha D. Maria, segunda mulher do nosso Rei D. Manoel, (a) consta, que Diogo de *Aguilera* foi seu Reposteiro, e Jeronimo de *Aguilera* seu Moço da Camara, e a mesma Rainha no seu testamento, feito em Julho de 1516, se lembra expressamente do primeiro

(a) Prov. de Hist. Geneal. tom. 2. pag. 376., 377., e 412.



meiro, (a) dizendo: *Mando a Diogo de Agilera cien mil reais.* Mas bom será, que saibamos o predicamento da Familia dos *Aguileras* em Castella, donde veio o dito Diogo de Aguilera para o serviço da referida Rainha D. Maria.

*D. Hug.* A Familia dos *Aguileras* foi antigamente muito estimada na Cidade de Cuenca, onde Joaõ Rodrigues de Aguilera teve o padroado da Capella mór de S. Francisco, e allí jaz enterrado com sua mulher, D. Maria de Lacerda, e seus ascendentes. Huma filha sua, por nome D. Maria de Aguilera, foi casada com Affonso de Molina, Senhor de Embid, Pobo, Teros, Sanjuste, Guifema, Tercaguilha, e outros Lugares, o qual vivia em Setembro de 1484, e tiveraõ os ditos Joaõ Rodrigues de Aguilera, e sua mulher por filho varaõ a D. Diogo de Aguilera, Cavalleiro da Ordem de Santiago, a quem os Reis Catholicos deraõ no anno de 1505 a Commenda de Villa Rubia de Ocaña; e foi este Comendador Diogo de Aguilera Pai de outro Diogo de Aguilera, primeiro Senhor del Congosto, Regedor da Cidade de Cuenca, cuja Casa passou aos Condes de Mora, seus descendentes, como podereis ler em o nosso Salazar de Castro. (b) E basta, que saibais, para vos persuadirdes da graduacão da Casa dos *Aguileras* de Cuenca, que D. Inigo de Molina, filho primogenito de Affonso de Molina, que já nomeei, e de sua mulher, D. Maria de Aguilera, sendo III Senhor de Embid, Sanjuste, e varias outras Villas, casou com D. Catharina de Mendoça, filha de D. Pedro Carrilho de Mendoça, segundo Conde de Priego; e que sua irmã mais velha, D. Maria Dias de Aguilera, casou com D. Inigo Lopes de Mendoça, Senhor de Argal, e filho segundo do primeiro Conde de Priego, D. Diogo Hurtado de Mendoça, e houve de todos os referidos *Aguileras* a honrada descendencia, que relata o mesmo Salazar, e outros Genealogicos; sendo em o nosso tempo bem conhecida D. Manoela de Aguilera, filha unica dos Marquezes de Peña Fuerte, que casou com D. Vicente Crespi Mendoça e

Trelles

(a) Prov. da Hist. Geneal. tom. 2. pag. 412.

(b) Salaz. Hist. da Caz. de Lar. tom. 1. pag. 276.



Trelles, filho segundo de D. Christovaõ Crespi e Biondo, quinto Marquez de Villa Sydro, terceiro Conde de Suma Carfel, Grande de Espanha, e de sua mulher, D. Josefa de Mendocça e Trelles, herdeira dos Estados de Orgaz, como filha de D. José Hurtado de Mendocça, Conde de Orgaz, Senhor de Mendibil, Nanclares, Santa Olalla, e outros Lugares.

## 15. AJOFRIM.

Est. 1. Esc. 15. *Lam.* O M. Purificaçãõ no seu livro dos *Brazoens de Portugal* põem no escudo da Familia *Ajofrim* huma cruz floreteada e vazia em campo azul, e affirma, que tiveraõ estas armas principio na batalha das Navas. He só por esta causa, que faço no meu mappa mençaõ de hum appellido inteiramente abandonado neste Reino, e creio, que tambem no de Castella.

*D. Hug.* *Ajofrim* foi terra muito decantada nas nossas Historias antigas, e de que foi Senhor Pedro Alonso, casado com D. Ignez, irmã do Arcebisco de Sevilha, D. Pedro Barroso, e filha de Fernaõ Peres Barroso, de quem faz mençaõ o Nobiliario do Conde D. Pedro: e diz Lavanha nas Notas ao Tit. 30, que por sua morte ficara a Villa, e Fortaleza de *Ajofrim* á Sé de Toledo. A nobreza dos possuidores de *Ajofrim*, de que entendo se deduzio o appellido, de que tractamos, podereis considerar, lendo a Historia do Alcaide de Toledo, Nuno Alonso, escrita por Gandara, (a) e o seu notavel testamento, em que vereis a seguinte verba: *I en particular dexo a mis hijos, Fernando i Pedro Munioz, este Lugar de Ajofrim, que io eredé de mi padre Alonso Munioz, i la Torre de Esteban Ambron, i eredad de Cervatos: i a Tello Munioz a Villa Seca, que io comprè de Pelagio Vellitez: i a Juan Munioz las casas, que io posseo i me tocan en lo Collacion de S. Nicolás a la puerta de arriva, que fueron de Morenita Abdala. Foi feito o dito Testamento em Toledo na Era de 1177 ( anno 1139 ) reinando o Imperador Alonso Raymundo em Castella, Leaõ, e Toledo. E he por esta*

(a) Nobil. de Galiz. lib.2, cap. 230. p.231.



esta causa digna de se conservar a lembrança de tam antigo appellido.

## 16. ALAGON.

*Lam.* Desta Familia não tracta a *Nobiliarchia Portugueza* de Villasboas; porèm faz della menção o M. Purificação nos *Brazoens de Portugal*, dizendo, que tem por Armas em campo de ouro seis arroellas de negro, postas em duas pallas, e cita os seguintes versos para declarar a origem, e lustre da mesma Familia: Est. 1.  
Esc. 162

*Y los seis roeles negros ( prosiguiendo  
La generosa historia el noble Conde )  
Son de Alagon linage, que tal siendo,  
A su virtud antigua corresponde.  
El Rei le preguntó: Y lo que disiendo  
Estais, de donde? Dixo el: De donde,  
Señor? Son de Alagon, y es cosa llana,  
Que vienen de los Duques de Vianna.*

*D. Hug.* Não ha duvida, que a Familia de *Alagon* he huma das muito antigas, e muito illustres da nossa Espanha. O nome *Alagon* parece, que o deduzio de huma Villa deste nome, que dista cinco legoas de Saragoça no Reino de Aragoã; e dizem, que foi fundada esta Villa muitos annos antes da vinda de Christo pelos Celtiberos com o nome de *Alabona* ou *Alabon*. (a) O Rei D. Afonso I daquelle Reino a conquistou aos Mouros em 1120, e D. Jaime II celebrou nella Cortes no anno de 1307. Da tal Familia de *Alagon* procederaõ os Condes de Sastago no mesmo Reino de Aragoã, e os de Aranda; e o seu sangue tem entrado na maior parte das Casas Grandes da nossa Monarchia. Basta lembrar-vos, que D. Blasco de Alagon, IV Marquez de Villafor, Conde de Monte Santo, Baraõ de S. Boy, e outros Lugares na Ilha de Sardenha, casou com D. Teresa Pimentel, filha de D. Jeronimo Pimentel, e sua mulher, D. Maria Eugenia de Bazan, IV Marqueza de S. Cruz, e primeiros Marquez-  
zes

(a) Atl. Español, tom. 2. pag. 163.



zes de Vayona; a qual D. Teresa Pimentel era sobrinha de D. Antonio Pimentel, X Conde de Benavente, da Mar- queza de los Velles, D. Maria Pimentel, do Marquez del Villar, D. Joaõ de Zuñiga, da Condessa de Orope- sa, D. Mecia Pimentel, do Conde da Feira neste Reino de Portugal, D. Manoel Pimentel, e do Cardeal Arce- bispo de Sevilha, D. Rodrigo Pimentel, &c. E teve o referido D. Blasco de Alagon por filho a D. Artal de A- lagon, V Marquez de Villafor, e mais Casa de seu Pai, e a D. Maria Antioga de Alagon, que casou com D. Joaõ Baptista Ludovisio, Principe de Pomblin, e de Venoza, Duque de Zagarolo, e de Fiano, Grande de España, Ca- valleiro do Tusaõ, Tenente General do Mar, e Gentil Homem da Camara de Sua Magestade Catholica. O dito D. Artal de Alagon, a quem os *Commentarios da Guerra de Espanha* do Marquez de S. Philippe intitulaõ = *hombre de illustre y esclarecida familia, y el mas antigo Titulo en- tonces en aquel Reino* = ( de Sardenha ) casou com D. Ma- ria Nicolasa de Bazan e Benavides, Commendadora da Commenda de la Peña de Martos, irmã do Marquez de S. Cruz del Viso, e de Vayona, D. Francisco Diogo Ba- zan, e teve por filha unica e herdeira a D. Manoela de Alagon, que casou com D. José de Menezes e Silva, ir- maõ do Conde de Cifuentes, ramo da illustre, e antiquis- sima Casa dos Silvas deste Reino; pelo que naõ he de ad- mirar, que o vosso Escritor dos *Brazoens* inferisse na sua obra a Familia *Alagon*, que com os Silvas se tinha enla- çado tam estreitamente.

## 17. ALAÕ.

Est. 1. Lam. As Armas, que a *Nobiliarchia* dá a esta Fami-  
Esc. 17. lia, vem a ser hum escudo esquartelado, dous de enxadrez  
vermelho, e amarelo; dous brancos com cinco flores de liz  
de ouro em aspa. O Rei de Armas, Coelho, censura ri-  
gorosamente a explicação de Villasboas, e diz, que esta  
Familia tem por armas hum escudo esquartelado, ao primei-  
ro enxequetado de ouro, e vermelho, de tres peças emfa-  
xa, ao segundo em campo azul cinco flores de liz de ouro  
em aspa, e assim os contrarios, e por tymbre hum Alaõ  
azul



azul com huma flor de liz de ouro na espada : e diz mais sobre a sua antiguidade , que o Conde D. Pedro (a) faz menção de D. Mendo Alaõ de Bragança , em quem principia o titulo dos *Bragançoens* ; e que D. Joaõ Alaõ foi Bispo do Algarve , e Instituidor do Morgado de S. Eutropio na Igreja de S. Bartholomeo de Lisboa &c. (b) O M. Purificação , que era natural da Cidade do Porto , e presenciou as armas , que usa a Familia *Alaõ* , que tem Casa naquella Cidade , descreveo as tais armas , como estaõ estampadas ( na Est. 1. da *Nobiliarchia* de baixo do numero 17 ) que vem a ser *hum Alaõ , ou Caõ de fila de prata em campo vermelho*. E supposto o dito P. Purificação nada diga sobre o motivo , porque foraõ tomadas estas armas , eu em obsequio de hum varaõ , a quem a Genealogia he devedora de bastantes noticias , qual foi Desembargador Christovaõ Alaõ de Moraes , direi , que os seus descendentes , naõ sei , se fundados em memorias , que elle deixou , se por tradicção de seus passados , entendem , que o appellido *Alaõ* lhes resultou de hum Capitaõ dos *Alanos* , chamado *Noenates* , que com alguma da sua gente se refugiou em Braga , Corte entaõ dos Reis Suevos , no tempo da ultima derrota , que padeceraõ os ditos Alanos ; e que como estes traziaõ nas suas bandeiras por insignia pintado hum Caõ grande , tambem a Familia *Alaõ* , que dos mesmos Alanos , e do seu Capitaõ *Noenates* procedia , tomaraõ o tal Caõ , ou Alaõ por armas ; dizendo mais , que o *Alano* Espanhol se convertera em *Alaõ* Portuguez , assim como *Hermano* em *Irmaõ* , *Ciudadano* em *Cidadaõ* &c.

*D. Hug.* Eu creio , que essa Familia naõ precisa de remontar-se tanto , para merecer as nossas estimaçoens. Os *Alanos* foraõ taõ fatais para a nossa Espanha , e para todas as terras , que dominaraõ , e destruiaraõ , que duvido muito o haver quem quizesse conservar a memoria do seu nome ; e até me admiro , que esta memoria se naõ extinguisse ha tantos seculos.

*Lam.* O contrario nos mostra ainda hoje o nome da  
 Ccc. Villa

(a) Nobil. Tit. 38.

(b) Prov. da Hist. Gen. tom. 6. pag. 680.



Villa de *Alemquer*, que o nosso Chronista mór, Fr. Bernardo de Brito, (a) diz fora antigamente chamada *Alan-kerkana*, nome Alemaõ, que significa *Templo de Alanos*, porque foraõ os *Alanos* os seus fundadores; e se a dita Villa conservou com pouca corrupçaõ o nome, que entaõ lhe foi posto pelos ditos *Alanos*, porque o naõ conservará huma Familia, que de hum Capitaõ delles entende se deriva?

*D. Hug.* Nós naõ temos de tempos, ou idades tam antigas como a dos *Alanos* em Espanha mais noticia, que a deixada por Idacio no seu *Chronicon*, e as de alguns outros Escriitores, que saõ rarissimos. Desde Idacio em diante confessa o prudente Historiador de Espanha, D. Joaõ de Ferreras, (b) que dos Godos se conservaõ poucas noticias, e dos Suevos (onde dais refugiado a *Noenates*) nenhuma. Ora Idacio que nos deixou escrito dos *Alanos*? Diz primeiramente, que unidos com as mais naçoens barbaras penetraraõ os Pyrneos, occuparaõ Espanha, e que repartindo-se esta entre todos, coubera aos *Alanos* a Lusitania. Torna logo a fallar nelles, para contar a sua derrota, e do seu Rei Ataces; e diz, que algumas reliquias, que ficaraõ da dita derrota, se refugiaraõ, e submeteraõ ao Rei dos Vandalos Gunderico, entaõ dominante em Galliza. Saõ estas as suas palavras: (c) *Alani, qui Wandalis & Suevis potentabantur, adeo cæsi sunt a Gothis, ut, extincto Atace Rege ipsorum, PAUCI, qui superfuerunt, oblito regni nomine, Gunderici Regis Wandalarum, qui in Gallacia resederat, se patrocínio subjugarent.* E quereis vós, que das reliquias de huma naçaõ, destruida ha mais de mil e trezentos annos, existaõ ainda hoje descendentes com appellido derivado della? E isto constando, que quando foraõ destruidos pelos annos de 419, como diz Idacio, até o nome de Reino, ou Senhorio perderaõ os tais *Alanos*?

*Raul.* Podeis acrescentar, Senhor D. Hugo, que até a origem do nome *Alanos* se controverte até agora na Historia; querendo huns, que o tomassem da Cidade de *Alan*

(a) Brit. Mon. Lusit. Part. 2. liv. 6. cap. 4.

(b) Ferrer. Hist. Gener. de Esp. tom. 3. pag. 98.

(c) Idac. Chron. ad ann. 419. apud Fior. Esp. Sagr. tom. 4. pag. 357.



*Alan* no Turquestan, donde os imaginaraõ oriundos, e outros com Ptolomeo da palavra *Alin*, que significa *Montanha*, porque elles habitavaõ nos montes, antes de passarem aos valles, situados ao norte da Circassia, que eraõ a sua habitaçaõ antes da erupçaõ e conquistas, que fize-raõ. Questiona-se a causa do nome de huma naçaõ inteira, e poderemos nós acertar no de huma Familia, que per-tendeis deduzir della? E que direi da noticia, que dais, de terem os *Alanos* hum Caõ por divisa? Creio certamen-te, que chamamos *Alaõ* ou *Alano* a hum Caõ de fila, imaginando, que estes nos vieraõ dos antigos *Alanos*, como os *Galgos* da Gallia, ou França, os *Sabujos* de Saboya, os *Gozos* de Gocia &c. porêm, quanto a meu ver, hou-ve alteraçãõ no nome, porque os tais *Alanos*, ou Caens de fila vieraõ de *Albania*, e dos *Albanos*, e naõ dos po-vos *Alanos*, o que ja advertio Abraham Ortelio verb. *Alani*, onde diz: *Obiter hoc addo, me apud dictum Suetonium (in Domitian.) malle Albanos, quam Alanos lege-re:* e isto porque em *Albania* se criaraõ semelhantes Caens de fila taõ ferozes e valentes, que sahiaõ a pelejar nos exercitos contra os inimigos, e os rompiaõ; sendo bem celebre o regalo de dois destes Caens, que o Rei de *Albania* mandou a Alexandre Magno, cuja prova de va-lor contaõ os seus Historiadores. E se semelhantes Caens vieraõ dos *Albanos*, e naõ dos *Alanos*, naõ he isto huma nova razaõ, que nos poem em duvida a insignia, que os ditos *Alanos* usavaõ nas bandeiras, e essa Familia nas suas Armas á imitaçaõ delles?

*Lam.* Com tudo isso nós vemos o appellido de *Alaõ* neste Reino ainda antes de haver nelle Reis proprios: porque o D. Mendo Alaõ de Bragança, com que o Con-de D. Pedro dá principio ao Titulo 38, vivia em tem-po do Rei de Leaõ D. Affonso VI, Pai da Rainha D. Teresa, Mãi do nosso primeiro Rei D. Affonso Henriques, como notou Joãõ Baptista Lavanha nas Notas ao Nobi-liario do Conde: e os casamentos de seus filhos mostraõ, que era hum Fidalgo da primeira grandeza; e naõ usaria o appellido *Alaõ*, se este naõ fosse tal pela sua antigui-dade, e excellencia, que o devesse preferir a outros. Bem sei, que podia o nome *Alaõ* ser patronimico, ou alcu-nha,



nha, e não appellido, porque os appellidos propriamente tais sómente tiverão principio em Espanha de pois do anno de 1100; (a) porém em falta de outras noticias não devemos privar a esta Familia do prazer, que lhe resulta de conservar tam lisongeira tradicção. O certo he, que D. Joaõ Soares Alaõ era Bispo de Silves no Algarve pelos annos de 1297, e que este Bispo no anno de 1308 instituiu na Igreja de S. Bartholomeo de Lisboa (huma das mais antigas da mesma Cidade, e que em outro tempo fora Capella Real) o celebre Morgado, chamado de S. Eutropio, que administraraõ primeiramente os seus descendentes, e depois passou aos herdeiros do Dr. Joaõ das Regras, que o levaraõ á Casa de Cascaes. Instituição que se acha copiada nas *Provas da Historia Genealogica* da nossa Casa Real, (b) e chamava para administrador depois de Gonçalo Mendes, neto do Bispo Instituidor, ao Clerigo mais chegado da geração para administrar o Morgado. Outra semelhante instituição existe na Sé do Porto; porque a Capella de Santa Elena e Vera Cruz, que administra a Casa dos *Aloens* da mesma Cidade, e foi instituida por Domingos Giraldes Alaõ, Prior de Fermelã no anno de 1381, tambem chama os Clerigos da Familia para seus Administradores, havendo-os; e ainda ha poucos annos que falleceo naquella Cidade o Conego Martinho Lopes de Morais Alaõ, que administrava a dita Capella, como lereis na *Bibliotheca Lusitana*: (c) e vendo eu, que o referido Domingos Giraldes Alaõ, Instituidor da Capella da Sé do Porto, viveo no mesmo seculo, em que o Bispo D. Joaõ Soares Alaõ instituiu a sua de S. Eutropio, e o seguio na formalidade da instituição; persuado-me, que seriaõ parentes, e que ambos quizerãõ perpetuar na Igreja, e no Estado o appellido, que tinhaõ, pelo julgarem antiquissimo, e honrado. O certo he, que a Familia *Alaõ* tem decorosa memoria nas nossas Chronicas, e na Casa dos nossos Reis. O Chronista mór, Fr. Francisco Brandaõ, (d) lembra-se de Payo Alaõ, e Mar-

tim

(a) Trell. Astur. Illustr. tom. 4. pag. 55.

(b) Prov. da Hist. Genealog. tom. 6. pag. 142.

(c) Bibl. Lusit. tom. 3. pag. 440.

(d) Brand. Mon. Lusit. liv. 18. cap. 30.



tim Alaõ, que na Chancellaria de ElRei D. Affonso III estaõ nomeados creados da sua Casa, o que equivale a Moços Fidalgos; e cita huma escritura da Camara de Santarem para mostrar, que no anno de 1272 mandou o mesmo Rei D. Affonso a Soeiro Pais Alaõ, morador em Lisboa, que fosse demarcar os limites do termo daquela Villa com Martim Pires Bulhaõ.

*D. Hug.* O que me importa, he saber o estado presente dessa Familia.

*Lam.* Parece que na Villa da Pederneira, e em outras partes do Reino ha Cavalheiros do appellido *Alaõ*; os quais se diz, que descendem, como os do Porto, de Gonçalo Alaõ. A Casa destes ultimos he presentemente administrada por Agostinho Alaõ de Morais, filho de Christovaõ Alaõ de Morais Sarmiento, e neto de Agostinho Aurelio de Morais Alaõ, Vereador que foi da Camara da mesma Cidade do Porto, e de sua mulher, D. Filippa Teresa de Morais; e tem o dito Agostinho Alaõ descendencia. Agostinho Aurelio de Morais Alaõ foi filho do Desembargador Christovaõ Alaõ de Morais, cuja nobreza, e dotes pessoais se achaõ declarados na referida *Bibliotheca Lusitana*, (a) onde lereis os elogios, que á sua memoria fez o celebre D. Francisco Manoel de Mello. Allí vereis tambem hum grande catalogo das obras, que compoz este sabio Ministro, e entre ellas muitas de Genealogia, porque diz o Abbade Barboza foi = *Christovaõ Alaõ insigne Genealogista, para cujo effeito discorreo por muitos Cartorios dos Mosteiros, e Camaras da Provincia do Minho, de que extrahio importantes noticias conducentes ás Familias, de que fallava, onde o amor da verdade lhe fez descobrir alguns defeitos, indignos de que os joubesse a posteridade.* Seu neto, o Conego Martinho Lopes de Morais Alaõ, de quem ja fallei, tambem foi muito douto, e elegante Poeta, e a sua vida, e escritos constaõ da citada *Bibliotheca*.

### 18. ALARCAÕ.

*Lam.* A esta Familia dá a *Nobiliarchia* por armas em

ER. I:  
Esc. 18;

cam-

(a) Bibl. Lusit. tom. 1. pag. 567.



*campo de prata tres faxas negras, esquaquelladas de ouro, com orla jaquetada de ouro, e vermelho, de duas peças em faxa; e sobre o escudo outro menor, e nelle cruz floreteada de ouro, e vazia do campo, que he sanguinbo: orla azul, com oito aspas de ouro. O Rei de Armas, Coelho, acha esta descripção de Villasboas confusa, e inintelligivel, e diz, que as armas dos Alarcoens, como as descreve Argote de Molina, são em campo vermelho huma Cruz de ouro, floreteada, e por orla oito aspas de ouro, com hum filete negro, que faz a divisaõ. O P. Purificação dá á mesma Familia huma cruz de purpura floreteada, em campo de ouro, e huma orla azul com oito aspas de ouro, alludindo a cruz á batalha das Navas de Tolosa, e as aspas a S. André, em cujo dia entendeu fora tomado o Castello de Alarcao. Adverte mais, que os Alarcoens procedem dos Cevallos, porque Fernão Martins Cevallos foi, o que tomou Alarcao aos Mouros, e o que usou primeiro o tal appellido, de que resultaraõ aquellas coplas:*

Olim estes se chamaraõ  
 Cevallos, naõ Alarcoens,  
 E depois, porque tomaraõ  
 Larcao, cõ nome ficaraõ,  
 Fortes como Scipioens.

*D. Hug.* Supposto que D. Antonio Soares de Alarcao occupou o segundo livro das suas *Relaçoes Genealogicas* em descrever a origem, lustres, e successoens desta Familia, e provou com escrituras, copiadas dos melhores archivos, as noticias, que produzio; com tudo ainda os nossos Genealogicos entendem, que D. Antonio Soares padeceo algumas equivocaçãoens, e que confundio a origem dos Cevallos, Alarcoens, e Cisneiros. O que passa por certo entre os mesmos Genealogicos he, que D. Fernão Garcia, filho de D. Garcia Garcez, Senhor de Aza, e de sua mulher, a Infanta D. Elvira, Senhora de Toro, celebrara dois casamentos, a saber o primeiro com D. Dordia Gonçalves, de que teve a D. Gonçalo Fernandes, que dizem usara do appellido de Cevallos por ser Senhor deste Solar, cujas armas são tres bandas negras enxequetadas de ouro,



*em campo de prata*, e deduzem o tal Solar de hum Cavalleiro da Familia, que affirmão acompanhara o nosso primeiro Rei, D. Pelayo, a Jerufalem; o qual venceu hum numerofo esquadro de Mouros nos campos de Pereda no anno de 716, e povoando o tal Solar, se conservara a Familia em dilatadas successoens até o tempo do referido D. Gonçalo Fernandes, primogenito de D. Fernão Garcia. O qual D. Gonçalo teve por filho a D. Rui Gonçalves de Cevallos Rico Homem de ElRei D. Affonso VII, e Alferes mor dos Reis D. Sancho III, e D. Affonso VIII, e se assenta, que morrera sem successo de huma filha de D. Bermudo de Azagra, com quem casou, e que D. Joaõ Manoel fez celebre no mundo, e ao marido, pelo que de ambos conta no seu *Conde Lucanor*. Casou porêm o referido D. Fernão Garcia segunda vez, por morte da primeira mulher, com D. Estefania Armengol, filha de Armengol, Conde de Urgel; de quem, além de Joaõ Fernandes de *Melgar*, progenitor desta Familia, e Guterre Fernandes, que deo varonia á Casa de *Cevallos*, teve por filho (dizem muitos, que primeiro) a Martim Fernandes, que se tem por tronco dos *Alarcoens*, e delle se achão memorias pelos annos de 1143, e 1166 na fundação do Convento de Balbuena; e se diz, que casara com D. Godo, e tivera por filho a D. Fernão Martins Cevallos, que foi Rico Homem de Castella, e Alcaide de Toledo, e o que, conquistando o Castello de *Alarcao* no anno de 1177, tomara delle o appellido, achando-se depois na batalha das Navas de Tolosa em 1212. Fosse porêm a Familia dos *Alarcoens* dimanada desta, ou daquella linha dos *Cevallos*, o certo he, que estes ultimos deraõ muitos varoens dignos da immortalidade; porque D. Rodrigo Guterres de Cevallos foi Mordomo mor do nosso Rei D. Affonso VIII; Martim Rodrigues de Cevallos foi decimo Mestre da Ordem de Calatrava; Gonçalo Dias de Cevallos foi Camareiro mór do Rei D. Fernando IV; D. Rui Gonçalves de Cevallos foi Adiantado mayor do Reino de Murcia; D. Diogo Guterres de Cevallos foi Almirante mór do mar; e D. Diogo Guterres de Cevallos Mestre da Ordem de Alcantara. Pelo que toca á linha, que tomou o appellido de *Alarcao*, sabemos, que Fernando Rodrigues de *Alarcao* foi Aio



do Infante D. Philippe, e Embaixador a Aragaõ; e dos seus descendentes se formaraõ as Casas dos Marquezes de Palacios, hoje Condes de Tendilla, Marquezes de Mondejar; e a dos Marquezes de La Vala no Reino de Sicilia; e a dos Marquezes de Trocital, Condes de Torres Vedras, onde faltando successaõ varonil, e recahindo a Casa em D. Maria de Alarcaõ, casou esta Senhora com D. Luiz Mosen Rubin de Bracamonte, II Marquez de Fuente el Sol em Castella, Senhor de Cespedosa, cujo neto D. Luiz Rubin de Bracamonte, III Marquez de Fuente el Sol, e successor da Casa de Torres Vedras, morreo em Madrid no mez de Outubro de 1712, sem deixar successaõ de D. Maria Pimentel, irmã do Conde de Benavente, com quem foi casado. Naõ he porẽm a nobreza civil semente, a que illustra o appellido de *Alarcaõ*, mas a virtude da sabedoria, que tem resplandecido em varias pessoas do mesmo appellido; como v. g. Arcangelo de Alarcaõ, Geral dos Capuchinos, Bento de Alarcaõ, Cisterciense, Diogo de Alarcaõ, Jesuita, Joaõ Rodrigues de Alarcaõ, e muitos outros, que escreveraõ doudas obras sobre as Sciencias Divinas, e humanas, de que tractaõ a *Bibliotheca Hispana* de D. Nicolao Antonio, e varios outros Autores. Dizeime agora, Senhor Lami, o que temos actualmente de *Alarcoens* neste Reino?

*Lam.* Creio, que naõ ignorais, que D. Joaõ de Alarcaõ, filho de Martim de Alarcaõ, Capitaõ da Guarda dos Reis Catholicos, e Commendador de la Membrilla na Ordem de Santiago, passou a Portugal com sua Mãe, D. Elvira de Mendoça, que veio a este Reino por Camareira mór da Rainha D. Maria, segunda mulher do nosso Rei D. Manoel. Este D. Joaõ de Alarcaõ apparece entre os Officiaes da Casa da mesma Rainha na Lista dos seus Moradores. (a) No livro dos de El Rei D. Joaõ III o vemos tambem entre os Fidalgos do Conselho, e com o titulo de Caçador mór. (b) Sabereis igualmente, que este Fidalgo casou neste Reino duas vezes, (c) a primeira com D. Margarida Soares de Castro, filha de Gomes Soares de Mel-

(a) Prov. da Histor. Genealog. tom. 2. pag. 376.

(b) Id. pag. 792.

(c) Alarc. Relac. Geneal. lib. 4. pag. 326.



Mello, Alcaide mór de Torres Vedras, e a segunda com D. Maria de Vilhena, filha de D. Lopo de Almeida, III Conde de Abrantes; e que destes casamentos descende muita Nobreza do mesmo Reino, como mostrou o referido D. Antonio Soares de Alarcao, posto que por linha feminina. As Casas, que ainda usaõ o appellido de *Alarcao*, saõ muitas; mas porque algumas saõ mais conhecidas pelos outros appellidos, que tem, e dellas havemos de tractar, quando fizermos mencao dos tais appellidos, lembro-me agora só de tres, que nomearei sem ordem, e como me forem lembrando, e saõ:

A CASA de RUY DE FIGUEIREDO DE ALARCAO, filho de Pedro de Figueiredo de Alarcao, Governador de Portalegre, e de sua mulher, D. Francisca de Lancaestre, filha de D. Miguel Luiz de Menezes; e neto de outro Ruy de Figueiredo de Alarcao, Governador das Armas da Provincia de Tras os Montes, e de sua segunda mulher, D. Marianna de Menezes, filha de Pedro Alvares Cabral, Senhor de Azurara da Beira, e Alcaide mór de Belmonte.

A CASA de LEONARDO CORREA DE ALARCAO PESSOA, filho de Bartholomeo Correa de Alarcao, Capitaõ mór de Mondim da Beira, e de sua mulher, D. Rosa da Cunha Pessoa, de Moimenta da Serra, filha de Manoel da Cunha de Magalhaens, da Villa de Cea; neto o dito Leonardo Correa de Alarcao de Manoel Correa de Alarcao, e de sua mulher, D. Teresa Maria da Vide.

E a CASA dos ALARCOENS MOURAS de Lisboa, que derivou o appellido de *Alarcao* de D. Philippe de Alarcao, cuja filha, D. Maria de Alarcao Mascarenhas Bocanegra, casando com D. Diogo de Sottomayor, filho de D. Francisco de Sottomayor, tiveraõ por filha a D. Brisida Ignacia de Sottomayor Bocanegra, a qual casou com Joaõ Rodrigues de Moura, e tiveraõ a Philippe de Moura de Alarcao, Senhor actual da Casa, que usa do appellido *Alarcao*, deduzido de seu bisavõ materno.



## 19. ALARDO.

Est. 1.  
Esc. 19. *Lam.* A Nobiliarchia dá a esta Familia por armas tres flores de Liz em campo vermelho, postas em triangulo, e no meio dellas hum meia Lua de prata, e por tymbre hum meyo Leaõ, armado de vermelho, com coleira do mesmo. O Rei de Armas, Coelho, censura rigorosamente esta explicação, como pouco conforme ás regras da *Armaria*, porque chama *Triangulo*, ao que na Lei do Brazaõ se deve chamar *Roquete*, e *meya Lua*, ao que se appellida *Crescente*. Além disso diz, que faltou em não declarar a cor das flores de Liz, que são de oiro, e a cor do Leaõ do tymbre, que he de prata, com coleira vermelha, guarnecida de oiro sobre perfis pretos, e sobre ella hum flor de Liz das armas. O P. Purificação, e o Traductor dos *Elementos da Historia* do Abbade Vallemont dão aos *Alardos*, como vedes na primeira estampa, (a) tres flores de Liz de ouro postas em triangulo, e entre ellas hum meia Lua de prata em campo vermelho, e por tymbre meyo Leaõ de prata com coleira vermelha, e hum das Lizes na mão. Já sabemos, que os Crescentes ou meias Luas tomavaõ os Fidalgos neste Reino para as suas armas, quando nas batalhas ou guerras contra os Mouros sahiaõ dellas vencedores, ou os despojavaõ de algumas bandeiras. As flores de Liz indicaõ, que a Familia dos *Alardos* he originaria de Franca; e isto nos diz o nosso Chronista mór, Fr. Antonio Brandaõ, (b) nestas palavras: „ Dom Alardo foi outro „ Fidalgo deste tempo, Francez de nação, a quem El- „ Rei D. Affonso deo Villaverde. Ha na Torre do Tom- „ bo a doação, que foi passada em Janeiro do anno „ do Senhor de 1160, e nella concede ElRei a D. Alar- „ do (a quem nomêa por Alcaide) que possa dar foral „ para se governarem os outros Francezes, moradores da „ dita Villa. Deste appellido *Alardo* houve, e ha al- „ guma descendencia, que se tem vir de D. Alardo.... „ Tambem alguns Nobiliarios assignaõ alguns *Barbas*, „ e *Povoas*, descendentes de D. Alardo. „ No foral da Vil-

(a) Valem. Elem. da Hist. liv. 3. do Brazaõ tom. 2. pag. 108.

(b) Mon. Lusit. liv. 10. cap. 29. tom. 3. fol. 174. v.



Villa de Pontevel, dado por ElRei D. Sancho, e transcrito pelo outro Chronista Brandaõ no sexto tomo da mesma *Monarchia*, (a) se faz menção de D. Pedro, filho do Alcaide de Villaverde, e dos Francos ou Francezes allí moradores, aos quais se dirige, e diz: „ E D. Pedro, „ filho do Alcaide de Villa Verde, seja Alcaide sobre „ vós, e haja a Alcaidaria desse Lugar, e vos hajades „ costumes os quais a vós aprover. „ Naõ sei, se este D. Pedro era filho de *D. Alardo*, nem menos, se Fernaõ Rodrigues Alardo, que viveo em tempo de ElRei D. Joaõ I, e seu irmaõ, Antonio Rodrigues Alardo, que foi amo de ElRei D. Affonso V, procediaõ do dito *D. Alardo*; posto que se faz muito verosimil, por elles serem naturais de Villaverde. Sei só, que o insigne Historiador d'ElRei D. Joaõ II, D. Agostinho Manoel de Vasconcellos, (b) fallando dos *Alardos*, diz, que *es linage mui noble i conocido*. Alguns Genealogicos deduzem daquelles dois irmaõs, a saber, do primeiro os *Barbas Alardos*, que hoje existem; e do segundo os *Pestanas*.

*D. Hug.* E que Casas usaõ hoje neste Reino o appellido de *Alardo*?

*Lam.* A Casa dos BARBAS ALARDOS de Leiria; de que he herdeiro Rodrigo Barba Correa Alardo, filho de Gonçalo Barba Correa Alardo, Mestre de Campo de Auxiliares, e de sua mulher, D. Anna de Menezes, filha de Thadeo Luiz Antonio Lopes de Carvalho Fonseca e Camoens, Fidalgo da Casa Real, Senhor dos Coutos de Abbadim, e Negrellos, e do Morgado da Camoeira, e de sua mulher, D. Francisca Rosa de Menezes, filha de D. Francisco Furtado de Mendocça e Menezes, Senhor das Casas de Argemil, e Freiria; neto o dito Rodrigo Barba Correa Alardo de Luiz Barba Correa Alardo, Senhor do Morgado da Romeira, e de sua mulher, D. Eugenia de Menezes, filha de Duarte Carneiro de Carvalho Rangel, Fidalgo da Casa Real, e Senhor da Casa de Villa Boa de Quires junto a Canavezes. Tambem ha na mesma Cidade outro ramo destes *Barbas Alardos*, que vos declararei, quando tractarmos do appellido *Barba*.

Ddd 2

20. AL-

(a) Mon. Lusit. tom. 6. pag. 481.

(b) Vid. de D. J. II. lib. 6. pag. 314.



## 20. ALBERGARIA.

Est. 1. Lam. Aos *Albergarias*, ou *Alvergarias*, como alguns  
Esc. 20. escrevem, dá a *Nobiliarchia* por armas em campo de prata  
huma cruz vermelha, vazia, e florida, com huma borda-  
dura de prata cheia de escudinhos das Armas do Reino, e  
por tymbre hum Drago vermelho volante. Coelho admite  
estas armas, e sómente adverte, que alguns querem, que  
o Drago do tymbre tenha sobre o peito huma cruz das  
armas de prata; e Purificação diz, que na orla sejaõ os  
escudinhos azuis, e arroelados. Estas armas pela fórma da  
cruz querem huns, que fossem tomadas por occasião da  
batalha das Navas de Tolosa, onde se acharaõ varios Fi-  
dalgos Portuguezes, como declaraõ o Chantre de Evora,  
(a) e o Chronista mór, Fr. Antonio Brandaõ. (b) Outros  
pertendem, que os *Soares de Albergaria* tomaraõ as ditas  
armas, por virem de D. Soeiro Mendes da Maya, o qual  
descendia do Rei D. Ramiro II de Leaõ, que trazia, e  
os mais Reis daquelle Reino por insignia huma cruz: e  
outros finalmente considerando, que os *Albergarias* usaõ  
da cruz com Castellos, persuadem-se, que tomaraõ as tais  
armas pelo successo da batalha do Campo de Ourique,  
que deo causa, ou fundamento ás nossas Armas Reais.  
(c) Bem he verdade, que as Coplas de Joaõ Rodrigues  
de Sá lhes daõ outra differente origem, pois diz este  
Autor:

A mór Joya das Divinas  
Em campo de Argentaria  
Traz a nobre Fidalguia  
Com orla das Reais Quinas  
*Soares de Albergaria*:  
E hum destes a ganhou,  
E por gram preço alcançou;  
Em huma peleja brava  
Hum Mestre de Calatrava  
Prendeo, e desbaratou.

O que

(a) Severim Not. de Port. Disc. 3. §. 6. pag. 93.

(b) Monarch. Lusit. tom. 3. pag. 132.

(c) Alarcão Relac. Genealog. lib. 1. pag. 20.



O que parece comprova a quintilha :

Dos Godos a dianteira  
 Temidos da gente brava  
 Da Castelhana fronteira,  
 A quem tomaraõ a bandeira;  
 Que trazem, de Calatrava.

Quanto ao appellido de *Albergaria*, he constante; que foi tomado da *Albergaria*, ou Hospital, que fundou D. Payo Delgado na Igreja de S. Bartholomeo de Lisboa. Este D. Payo Delgado, conforme D. Antonio Soares de Alarcão, descendia de D. Arnaldo de Bayaõ, e naõ só foi hum dos Fidalgos, que se acharaõ na batalha do Campo de Ourique, mas em todas as mais daquelle tempo, sendo companheiro de D. Gonçalo Mendes, o Lidador. A sua varonia extinguiu-se logo, e por casamentos entraraõ na posse da sua Casa varias outras varonias, como v. g. a dos *Xiras*, *Figueiredos* de Assentar, *Mellos*, *Almadas* &c. Porém tomaraõ muitos delles o appellido de *Soares de Albergaria*, e poucas Casas Grandes ha em o nosso Reino, onde naõ entrasse o sangue desta Familia, bastando, que vos nomêe as Casas de Bragança, e dos Marquezes de Ferreira, Duques hoje do Cadaval, onde entrou o mesmo sangue pelo casamento de D. Joanna de Mendoça com o Duque de Bragança D. Jaime, por ser a dita D. Joanna de Mendoça bisneta de D. Catharina Dias de Albergaria, filha de Diogo Soares de Albergaria, Senhor da *Albergaria* de Payo Delgado. (a)

D. Hug. Dizei-me porém os cargos honrosos, que serviraõ os *Albergarias* neste Reino, e quais saõ de presente as Casas, que tem nelle este appellido.

Lam. Consta das nossas Historias, que no tempo de ElRei D. Fernando, pelos annos de 1367, era Alcaide mór da Villa, e Castello de Arronches Diogo Soares de Albergaria; (b) lugar que ainda servia no anno de 1369, (c) e com tal satisfação, que o mesmo Rei no anno de

(a) Souf. Hist. Genealog. tom. 10. pag. 201.

(b) Monarc. Lusit. tom. 8. pag. 48.

(c) Id. pag. 99.



1371 lhe deo a renda, e Direitos Reais daquella Villa; (a) e no anno seguinte de 1372 lhe acrescentou os da Villa de Campo maior. (b) No tempo de ElRei D. Affonso V era Diogo Soares do Conselho deste Monarca, (c) e como tal assistio no anno de 1455 no auto do juramento do Principe D. Joaõ, depois segundo do nome entre os Reis deste Reino; sendo escolhido para seu Ayo, por ser, como diz D. Agostinho Manoel de Vasconcellos, (d) *hombre de las partes, que convienen a la educacion de un Principe.* Este Diogo Soares de Albergaria era filho de Fernaõ Gonçalves, Senhor de Assentar, Bairo, Canas de Senhorim, e Sabugola, que casou com a Senhora, herdeira da Casa dos *Albergarias*: e sempre os desta Familia obtiveraõ os foros de melhor graduacão na Casa dos nossos Reis até no tempo, em que o vosso Rei D. Filippe II governou esta Monarchia; pois vemos no Livro da matricula dos seus Moradores Manoel Soares de Albergaria com o titulo de Moço Fidalgo: (e) e bastava, que esta Familia tivesse produzido hum filho taõ benemerito, como Lopo Soares de Albergaria, que foi Governador da India, para nella recahirem os penachos, que alcançou com as suas militares acçoens o dito Governador.

*Raul.* Eu confesso, que as acçoens, que os Portuguezes obraraõ na Conquista da India, foraõ admiraveis, e estupendas; e que até a mesma Providencia parece quiz se sublimassem, creando o grande Luiz de Camoens, para dignamente descrevê-las, e eternizá-las: porèm reparo, que as Naçoens Estrangeiras naõ fazem dos Governadores da India depois de Affonso de Albuquerque o ventajoso conceito, com que vós fallais de Lopo Soares, que foi seu successor. Na *Historia Geral das Viagens*, (f) dando-se noticia, de que Affonso de Albuquerque, a quem chama Grande, teve por successor no Governo da India a esse Lopo Soares de Albergaria, que tinha chegado áquelle

Esta-

(a) Id. pag. 161.

(b) Id. pag. 187.

(c) Prov. da Hist. Genealog. tom. 2. pag. 86.

(d) Vid. i accion. del Rey D. Juan el 2. lib. 1. pag. 8.

(e) Prov. da Hist. Geneal. tom. 6. pag. 662.

(f) Hist. Gener. des Voyag. lib. 1. cap. 12.



Estado com treze náos, e 1500 homens, acrescenta: *Rien ne fait tant d'honneur a la memoire d'Albuquerque, que la decadence immediate des Portugais après sa mort.* E continúa, citando hum vosso Escritor: *Jusqu' alors les Generaux n' avoient ecouté que les inspirations du veritable honneur, et n' avoient donné le nom de richesses qu' a ces armes victorieuses, qui les rendoient superieurs a l'or meme, qu' elles leur faisoient acquerir: mais dans la suite ils se livrerent si entierement au commerce, qui tous les Officiers militaires ne furent plus qu' une troupe de Marchands. Ainsi la gloire du Commandement devint une honte, l' honneur un scandale, et la reputation un sujet de reproche.*

*Lam.* Esse Historiador, citado pelo Abbade Prevost, he Manoel de Faria e Souza, (a) cujas palavras, de que se deduziraõ as que citais, saõ estas: *Asta entonces (diz elle fallando da entrada de Lopo Soares no Governo) conocieron los Cavalleros la verdadera honra, siendo sus mayores alhajas un arnés y una espada: despues estudiaron el guarismo de tal modo, que vino a ser mercaderes lo que solia ser Capitanes: Conque vino a ser lastima, lo que solia ser Imperio, afrenta lo que honra, y lo que reputacion desprecio.* Mas eu julgo, que nem o Abbade Prevost, nem algum outro Escritor Estrangeiro deve condénar mais que o abuso, que se practicava pelos Cabos militares, Capitães das Fortalezas, e soldados no illicito commercio da India; porque de outra maneira seria condemnar o que França, Inglaterra, e principalmente os Holandezes praticaraõ na mesma India, onde estes ultimos tanto se estabeleceraõ, e alargaraõ, porque se naõ regularaõ menos pelas leis e maximas mercantís, que pelas militares. Quanto a Lopo Soares, deveis saber, que foi hum Capitão muito benemerito, porque naõ foi sómente hum dos nossos Reis, o que conheceo o seu valor e prestimo, mas todos os que elle alcançou no Throno de Portugal. ElRei D. Affonso V se servio delle nas guerras, que moveo contra Castella por occasião do direito da Excelente Senhora: seu filho, ElRei D. Joaõ II, que foi hum grande Mestre na arte de reinar, o nomeou Governador da Mi-  
na

(a) Faria, Asia Portug. tom. 1. Part. 3. cap. 1. pag.



na, como lemos na sua Chronica : (a) e ElRei D. Manoel o julgou digno, e capaz de dar conta de varias expediçoens, que lhe confiou, e por ultimo do Governo da India em successão ao Grande Affonso de Albuquerque. Allí obrou, o que nos cantou em poucas, mas elegantes, palavras o nosso Camoens no Canto 10 da Lusíada :

## EST. 50.

Mas profeguindo a Ninfa o lindo canto,  
De Soares cantava, que as bandeiras  
Faria tremolar, e pôr espanto  
Pelas roxas Arabicas ribeiras :  
Medina abominavel teme tanto,  
Quanto Meca, e Gidá co' as derradeiras  
Prayas da Abassia, Barborá se teme  
Do mal, de que o Emporio Zeila geme,

## 51.

A nobre Ilha tambem da Taprobana,  
Ja pelo nome antigo tão famosa,  
Quanto agora soberba, e soberana,  
Pela cortiça calida, e cheirosa :  
Della dará tributo á Lusitana  
Bandeira, quando excelsa, e gloriosa  
Vencendo se erguerá na torre erguida  
Em Columbo, dos proprios tão temida

Sendo bem de notar, que foi Lopo Soares, o que conquistando a Ilha de Ceilaõ facilitou a este Reino o importante Commercio da canella. Mas se este Varaõ soube esgrimir a espada em serviço da Religiaõ, e da Patria, houve outro na mesma Familia dos *Albergarias*, que tambem em obsequio de ambas aparou a penna, e foi Fr. Antonio Soares, que vizitando os Lugares Santos de Jerusalem, depois de beijar o pé á Cabeça da Igreja, escreveo em estilo claro hum Itinerario, ou Relação de todas as Naçoens, trajes, ritos, costumes, e ceremonias, que

(a) Resend. Chron. de D. Joaõ II. cap. 176.



que vio na Espanha, França, Italia, Grecia, Palestina, Samaria, Monte Libano, e outras partes, como nos referem o *Agiologio Lusitano*, (a) e a *Bibliotheca Portugueza*, (b) que o daõ existente na livraria de Alcobaça. As Casas, que eu saiba usarem de presente o appellido de *Albergaria*, ou *Soares de Albergaria*, são estas:

A CASA dos ALBERGARIAS de Oliveira de Conde na Beira, que possui Francisco Soares de Albergaria Pereira, Fidalgo da Casa Real, Mestre de Campo de Auxiliares na Comarca da Guarda, filho de Manoel Soares de Albergaria, Fidalgo da mesma Casa, e tambem Mestre de Campo na mesma Comarca, e de sua mulher, D. Maria Thomasia de Sequeira e Queiroz, da Quinta da Rede em Villamarim, filha de Manoel Guedes de Sequeira, natural de Mezaõfrio, e de sua mulher, D. Florencia Guedes de Carvalho; neto o dito Francisco Soares de Albergaria Pereira de Francisco Soares de Albergaria, natural de Aveiro, Fidalgo da Casa Real; e Mestre de Campo de Auxiliares, e de sua mulher, D. Angela Pereira de Miranda, natural de Midoens, filha de Manoel Pereira Franco, e de sua mulher, D. Maria de Miranda. He casado Francisco Soares de Albergaria Pereira com D. Maria Casimira Ignacia de Lemos Roxas e Noronha, filha de Francisco Luiz Pequeno Chaves, Coronel de Infantaria em Bragança, e de sua mulher, D. Joanna Joaquina de Roxas Lemos e Carvalho, filha de Luiz Thomaz de Lemos, Moço Fidalgo da Casa Real, Senhor das Villas da Trofa, e Alfarella, e de sua mulher e prima, D. Caetana Ritta de Roxas e Azevedo, filha de Pedro de Roxas e Azevedo, Fidalgo da Casa Real, do Conselho de S. Magestade Fidelissima no da sua Real Fazenda, Alcaide Mór de Portalegre; e tem o dito Francisco Soares de Albergaria Pereira successão.

A CASA dos ALBERGARIAS CABRAES da Beira, que possui Bernardo Cabral Soares de Albergaria, Senhor da Quinta de Guimaraens naquella Provincia, filho de Manoel Bernardo Soares Cabral de Albergaria, Senhor da

Eee

mes-

(a) Souf. Agiolog. Lusit. tom. 4. pag. 515.

(b) Barbof. Bibl. Lusit. tom. 1. pag. 392.



mesma Casa e Quinta, e de sua mulher e segunda prima, D. Maria Cabral de Sousa, filha de Manoel Cabral de Sousa, e de sua mulher, D. Maria Cabral de Figueiredo; neto o dito Bernardo Cabral Soares de Albergaria de outro Bernardo Cabral Soares de Albergaria, Senhor da mesma Casa, e de sua mulher, D. Isabel Teixeira de Castro, filha de Thomaz Teixeira de Castro, e de sua mulher, D. Maria Correa da Mesquita. Casou Bernardo Cabral Soares de Albergaria com D. Auta Maria Luiza de Salazar e Mello, filha de Pedro José de Salazar Cunha e Eça, Cavalleiro da Ordem de Christo, e de sua mulher, D. Maria Rosa de Mello, filha de Belchior Carneiro da Guerra Sottomayor, Capitão mór do Alvorge, e de sua mulher, D. Joanna de Mello, natural desta Freguezia de S. Marinha de Arcuzêlo, e filha de Paulo de Mello Pereira de Sampayo, Fidalgo da Casa Real, Senhor da Casa de Sabadaõ em o N. XX do mappa de S. Marinha, e da de Pombeiro na Comarca de Guimaraens.

A CASA dos ALBERGARIAS MONTEIROS de Lamego, possuida por Antonio de Albergaria Monteiro de Vasconcellos, filho de Luiz Rebello Monteiro de Albergaria, e de sua mulher e prima, D. Anna Maria Luiza Guedes, filha de Antonio Guedes Alcoforado, e de sua mulher, D. Maria de Queiroz Guedes; neto o dito Antonio de Albergaria de Domingos Monteiro de Albergaria, natural de Valdigem, e de sua mulher, D. Clara Maria Rebello de Magalhaens, filha de Domingos Rodrigues Rebello, natural de Lamego; e casando em Provezende com D. Maria Leonor teve por filho e successor a Joaquim de Albergaria Monteiro.

## 21. ALBERNAZ.

Est. 1. Lam. Dá a Nobiliarchia por armas a esta Familia hum  
Esc. 21. escudo esquartelado de azul e prata; nos dous em campo azul ramo de carapeteiro, ou espinheiro de prata, nos contrarios em campo de prata ramo azul do mesmo: e diz, que a Familia dos *Albernazes* existia neste Reino em tempo de ElRei D. Joaõ I. Coelho ordena melhor o escudo segundo as regras da Armaria, posto que nada innova, quan-



quanto á substancia delle, e só diz, que o tymbre he hum carapeteiro azul florido de prata, e que cada ramo deve ter sette folhas. Affirma tambem, que nos Livros do Registro do mesmo Rei D. Joaõ I se acha copiada huma doação dos Paços do Lumiar feita a Affonso Martins de Albernaz. Na edição do Nobiliario do Conde D. Pedro feita em Madrid no anno de 1646, com as notas, e correccoens de Manoel de Faria e Sousa, no Titulo dos Gedeons (a) se escreve, que Nuno Fernandes Cogominho, Almirante mór deste Reino em tempo de ElRei D. Diniz, fora segunda vez casado com D. Margarida Albernaz de Lisboa, o que tambem confirma o Chronista mór, Fr. Francisco Brandaõ, (b) que diz viviaõ pelos annos de 1314: e por isso podemos crer, que eraõ os Albernazes illustrissimos, visto que Nuno Fernandes o era em gráo eminente, como filho de Fernaõ Fernandes Cogominho (Brandaõ quer, que fosse irmaõ (c)) Senhor de Chaves, Alcaide mór de Coimbra, e muito Privado de ElRei D. Affonso III, e de sua mulher, D. Joanna Dias, Senhora de Atouguia, sobrinha de D. Teresa Gil, Mãi do S. Fr. Gil: (d) e estaõ Fernaõ Fernandes, e sua mulher enterrados na Igreja do Convento de S. Cruz de Coimbra com hum letreiro sobre a pia da agoa benta, que diz:

*Aqui jaz D. Fernaõ Fernandes Cogominho, Senhor de Chaves, e Alcaide mór de Coimbra, e D. Joanna Dias, sua mulher, os quais deixaraõ a este Mosteiro o Azambujal, e duas mil livras . . . . ella se finou apõs elle no anno do Senhor MCCCLXXVIJ.*

O citado Nobiliario do Conde diz, que D. Margarida Albernaz teve de seu marido, Nuno Fernandes Cogominho, dois filhos, a saber, Fernaõ Nunes Cogominho, que casou com D. Isabel Fernandes, filha de Fernaõ Vasques Pimentel, de quem tracta no Titulo 35, e D. Maria Nunes, que casou com D. Affonso de Aragaõ, neto

Eee 2

(a) Nobil. Tit. 30. pl. 166.

(b) Mon. Lusitan. tom. 5. pag. 426.

(c) Brand. Mon. Lusit. liv. 15. cap. 45. tom. 3. pag. 251. d.

(d) Souf. Hist. de S. Dom. tom. 1. liv. 2. p. 158.



neto do Rei de Aragoã D. Pedro. *Na Monarchia Lusitana* (a) se faz menção de Martim Affonso Albernaz, Ouvidor de ElRei D. Fernando, a quem ElRei D. Joaõ I mandou confisçar os bens, como parcial de Castella, e os deo a Martim Rodrigues, Escudeiro do Infante, seu irmão. Ainda no tempo de ElRei D. Manoel existia esta Familia dos *Albernazes*, pois vemos no Rol dos Moradores da Casa de seu filho, o Infante D. Duarte, a Sebastiaõ Albernaz entre os Moços da sua Camara. (b) Ao presente porém não sei, que haja Casa no Reino com este appellido; e sei sò, que se chamou de *Albernaz* alludindo á verdura, que no veraõ tem os ramos de espinheiro.

## 22. ALBOR, OU ABOR.

Est. 1.  
Esc. 22.

*Lam.* A Familia de *Abor*; como a nomeaõ a *Nobiliarchia*, o Rei de Armas, Coelho, o P. Pacheco, (c) ou de *Albor*, como o P. Purificaçaõ a appellida, não se me dá a conhecer mais que pelas armas, que todos os referidos Escritores dizem, que constaõ de hum escudo enxequetado de prata de seis, ou dez peças em faxa. O dito Rei de Armas, que muitas vezes suppre a omisãõ de Villasboas na explicaçaõ das Familias, suas origens, e predicamento, nada nos deixou declarado sobre a de *Abor*, ou *Albor*, e por isso não tenho eu mais que informar-vos desta Familia.

## 23. ALBORNOZ.

Est. 1.  
Esc. 23.

*Lam.* Aos *Albornozes* dá a *Nobiliarchia* por armas *uma banda verde em campo de ouro*, e declara ser esta *Familia Castelhana*, no que não consente o Rei de Armas, Coelho, que a faz *Aragoneza*. Severim (d) com a autoridade de Scipiaõ Amirato mostra, que saõ muito antigas aquellas Familias, que trazem nos escudos bandas, barras, ef-

(a) Mon. Lusit. tom. 8. pag. 594.

(b) Prov. da Hist. Genealog. tom. 2. pag. 615.

(c) Pacheco Divert. Erud. tom. 4. pag. 258.

(d) Sever. Notic. de Port. disc. 3. §. V.



escaques, ou faxas, produzindo por exemplos a Casa de Borgonha, que traz bandas, a de Aragaõ barras, a de Nevers escaques, e a de Austria faxas; e eu imagino, que para se collocar o appellido de *Albornoz* pelo D.<sup>r</sup> Villasboas em a *Nobiliarchia Portugueza* se considerou; que bastava o entrar o sangue da Familia deste Titulo em Casas dimanadas, ou enlaçadas com as do nosso Reino, como por exemplo, na de D. Alvaro de Portugal, segundo Conde de Gelves, neto do Senhor D. Alvaro, filho de D. Fernando I, Duque de Borgança; cuja mulher, D. Leonor Milã, ou de Cordova era quarta neta de Alvaro Carrilho de Albornoz, (a) alem de outras varias Casas, em que entrou o mesmo sangue. Dai vós, Senhor D. Hugo, alguma noticia dos *Albornozes*.

D. Hug. Está claramente demonstrado na nossa Historia Genealogica, que a Casa de *Albornoz* procedeo da Casa de *Aza*, e da varonia dos nossos Condes Soberanos de Castella: por que D. Gomes Garcia, Rico Homem, Senhor das Casas de Aza, Roa, e Aylon, Alferes mór de Castella, teve de sua mulher, D. Maria Garcia, Senhora proprietaria de Roa, além de D. Gonçalo Gomes, que herdou a Casa de *Aza*, a D. Fernam Gomes de Aza, que tambem foi Rico Homem, e Senhor do Solar de *Albornoz*, existente na terra de Cuenca, do qual passou o appellido a seus descendentes. Deste D. Fernam Gomes foi filho D. Alvaro Fernandes de Albornoz, Senhor de *Albornoz* e Moya, que vivia pelos annos de 1327; e delle em diante se fez pelos seus descendentes uso do appellido de *Albornoz*. Esta palavra *Albornoz* significa *Capúz fechado*, de caminho, feito de droga, que resista á agoa: e diz Urrea, que os Africanos chamaõ *Burnusium* á capa de guardar a agoa; e póde ser, que deste *Burnusium* se deduzisse o nome de *Albornoz*, e até o appellido, por fazer algum Senhor da Familia, de que tractamos, uso dos tais capuzes. O certo he, que D. Garcia Alvares de Albornoz, neto do sobredito D. Fernam Gomes de Aza, Senhor de Albornoz, casou com D. Teresa de Luna, irmã de D. Ximeno de Luna, Arcebispo de Toledo, de D. Pedro

(a) Souf. Histor. Gen. da Caf. R. tom. 1. pag. 459.



dro de Luna, Rico Homem de Aragaõ, e de D. Joaõ de Luna, tambem Rico Homem do mesmo Reino, Pai do Pontifice Benedicto XIII, e bisavõ do famoso Condestavel de Castella, D. Alvaro de Luna, todos quatro filhos de D. Pedro Martins de Luna, Rico Homem, e de sua mulher, D. Violante de Alagon. Tiveraõ D. Garcia Alvares de Albornoz e D. Teresa de Luna por filhos a D. Alvaro Garcia de Albornoz, Senhor de Albornoz, Torralva, Beteta, e outros lugares, Mordomo mór de El-Rei D. Henrique II; o qual supposto teve varios filhos, e alguns casados, fomite se continuou a descendencia de sua filha terceira D. Urraca de Albornoz, que casou com Gomes Carrilho, Senhor de Ocentejo; e por isso ficou a Casa dos *Albornozes* com a varonia de *Carrilho*, e conhecidos desde entaõ para diante nas Historias os *Carrilhos de Albornoz*. Foi tambem filho de D. Garcia Alvares de Albornoz (alẽm do referido D. Alvaro Garcia de Albornoz, e de D. Fernando, que foi Senhor de Villoria, e Commendador de Montalvaõ na Ordem de Santiago, que deixou successaõ) o celebre e memoravel D. Gil Alvares de Albornoz, Arcebispo de Toledo, Cardeal da Santa Igreja de Roma do Titulo de S. Clemente, e Governador dos Estados da mesma Igreja, cujos heroicos feitos, referidos por todas as Historias daquellas idades, bastavaõ para eternizar o nome da Familia de *Albornoz*. Huma só particularidade quero referir-vos respeitante às glorias deste Purpurado, e he, que o Pontifice Urbano V noticioso da sua morte, que sentio amargamente, concedeo Indulgencias para todos aquelles, que carregassem o seu feretro; e por isso fizeraõ semelhante honra ao seu cadaver o Rei Henrique de Castella, e todos os Grandes da sua Corte, na trasladaçaõ, que se fez delle desde a Igreja de S. Francisco de Assis, onde foi depositado, para a Cathedral de Toledo, onde jaz. Nem eu me admiro, que o Autor da *Nobiliarchia* se lembrasse na sua obra do appellido de *Albornoz*; porque lhe devia ter constado, que Vasco Martins da Cunha, Fidalgo Portuguez, que passou a Castella em tempo do vosso Rei D. Joaõ I, alẽm de Martim Vasques da Cunha, seu filho primogenito, primeiro Conde de Valencia (de quem procede a maior parte das Casas



fas grandes da nossa Espanha, e principalmente os Duques de Escalona, Marquezes de Villena, Duques de Uzeda, de Olluna, Condes de Montijo &c.) teve por segundo filho a Lopo Vasques da Cunha, que por mercê de ElRei Henrique III foi Senhor de Buendia, e Azañon, e do Conselho de ElRei D. Joaõ II: o qual casou com D. Teresa Carrilho de Albornoz, Senhora da Villa de Paredes, filha de Gomes Carrilho, e de sua mulher, D. Joanna Garcia de Albornoz, que ha pouco nomeei; e tanto por essa razaõ, como porque huma filha do dito Lopo Vasques da Cunha, e de D. Joanna Garcia de Albornoz, chamada D. Leonor da Cunha, se alliou com D. Joaõ da Silva, primeiro Conde de Cifuentes, e ramo da antiga Familia dos *Silvas* deste Reino, naõ devia esquecer ao dito Autor o appellido de *Albornoz*.

#### 24. ALBUQUERQUE.

*Lam.* As armas dos *Albuquerque*s saõ diferentes, quanto o saõ as Linhas, e as origens delles. Ha huns que a *Nobiliarchia* declara trazerem por armas hum escudo esquartelado; ao primeiro as quinas de Portugal, com seu filete, e contrabanda costumada. O segundo de vermelho, e cinco flores de Liz de ouro em aspa; e assim os contrarios: e por tymbre huma aza de Aguia estendida, e sobre ella as cinco flores das armas. Coelho reprova a especificaçã do filete de bastardia, porque naõ tendo as armas os castellos, e ficando por isso defeituosas as Reais, parece-lhe desnecessario o tal filete; e cita as que traz no seu Livro D. Antonio Soares, quando descreve as armas do Conde de Prado. Ha outros *Albuquerque*s, chamados de *Cantanbede*, que saõ os do Grande Affonso de Albuquerque, Governador da India: e estes diz o mesmo Coelho trazerem as quinas com os castellos no primeiro quartel, em que he preciso o filete, por serem as Armas do Reino sem quebra; e que no segundo quartel tem as flores de Liz, e assim nos contrarios, e por tymbre hum castello vermelho, com as portas, e frestas de ouro, e huma flor de Liz das armas sobre a torre do meio; affirmando serem estas as armas, que se achavaõ na Casa dos Diamantes á

Est. 1.  
Esc. 24.

Por-



Porta do mar em Lisboa, que foraõ do dito Affonso de Albuquerque. Ha tambem outros *Albuquerque*s, que a *Nobiliarchia* faz descendentes de Joaõ de Albuquerque, que diz trazerem o escudo partido em tres pallas; na primeira de vermelho huma torre de prata, e sobre ella huma Aguia volante; na segunda de azul hum cruzeiro com seu pedestal de ouro; e na terceira partida em faxa, no primeiro de ouro cinco gralhos da sua cor em santor, e no segundo de vermelho duas pallas de ouro. Coelho quer, que usasse destas armas Joaõ Ayres del Pilar Cornejo, que tinha, ou seus descendentes, parentesco com os *Albuquerque*s, alludindo a cruz sobre o pilar ao seu appellido, e tambem cinco *cornejas*, a que a *Nobiliarchia* chama *gralhas*, e que por tymbre, que a mesma *Nobiliarchia* lhe naõ assigna, tem a Aguia das armas. Purificaçaõ dá esquartelado o escudo dos *Albuquerque*s, no primeiro as Armas do Reino, consistentes em cinco escudos azuis, com cinco roelas de prata, e por orla sette castellos de ouro em campo vermelho, e hum filete de negro em banda, e no segundo e terceiro, campo de sangue, com cinco flores de Liz de ouro, postas em aspas: tymbre hum castello de ouro com huma flor de Liz no alto delle por remate. Diz mais, que outros trazem por tymbre huma aza de Aguia estendida, e sobre ella cinco flores de Liz de ouro, e que estes descendem do Pai do Grande Affonso de Albuquerque, que era da Casa de Cantanhede. Nos *Commentarios* do mesmo Affonso de Albuquerque (a) se pintaõ as armas, que deveriaõ usar os *Albuquerque*s, da maneira, que allí vereis, e para mostrar a sua origem diz o Autor delles, que ElRei D. Diniz teve hum filho natural, que houve em D. Aldonça de Sousa Infansona, natural de Galliza, o qual se chamotu Affonso Sanches, e casou com D. Tareja Martins, neta de ElRei D. Sancho de Castella, chamado o Bravo, e que houve com ella em dote Villa de Conde neste Reino, e muitos Lugares em Castella, e o Castello de *Albuquerque*, que elle reedificou, e fundou a Villa em baixo, e cercou-a de muro, e torres, e barbacã, e cava, povoando-a de gente Portugueza,

(a) Commentar. de Af. de Albuquerque. Part. 4. Cap. 50.



e Castelhana, fazendo allí o seu assento, e pondo na porta principal as ditas armas com a seguinte inscripção:

*Em nome de Deos seja tudo. Amen. Eu D. Affonso Sanches, Senbor deste Castello Dalboquerque, comecei este lavor feria quarta aos quatro dias do mez de Agosto da era de 1314. o qual seja por serviço de Deos, e de Sancta Maria sua Madre, salvamento de minha honra, endereçamento de minha fazenda; porque as couzas, que a Deos são feitas, todas adiante haõ de ir, e as que sem elle são, todas haõ de fenecer.*

*E porèm praza a Deos, que haja boa gloria o mestre pedreiro, que fez este Castello.*

O Bispo de Malaca, D. Joaõ Ribeiro Gajo ( e naõ Goyo, como diz Coelho ) que escreveu as Coplas da Nobreza, deixou declarada a origem dos *Albuquerque* assim:

Do limpo sangue dos Godos;  
Do filho de ElRei Diniz,  
E de Tereza Martiz,  
Vem os *Albuquerque* todos,  
Com quinas, e flor de Liz.

Porèm Joaõ Rodrigues de Sá, nas que escreveu, parece distinguio estes *Albuquerque* de Affonso Sanches de outros, pois diz:

As finco flores de Liz;  
Com quinas em quarteiraõ;  
Os *Albuquerque* traráõ,  
Os que de ElRei D. Diniz  
Trazem sua geraçaõ.  
E por tocar este estado,  
Bem merece ser louvado  
Sangue, que com tal mistura  
Por taõ honrada natura  
Digno de ser nomeado.



O nome de *Albuquerque* dizem foi deduzido de hum *Carvalho branco*, que se achava no mesmo lugar, em que se fundou a Fortaleza de *Albuquerque*, por ser o nome do dito carvalho em Latim *Alba Quercus*. Covarrubias quer, que a Villa fosse fundada por D. Affonso Tello, que casou com D. Teresa, filha do nosso Rei D. Sancho I. São porèm as noticias da Familia de *Albuquerque* tão triviais nas Historias, que me parece difficuloso achar huma Universal do Mundo, em que este appellido não seja nomeado com respeito, principalmente depois que o Grande Affonso de Albuquerque, Governador da India, grangeou a illustre reputação, com que he nomeado pelos Escritores de todas as naçoens. Nenhuma das da Europa disputa a este egregio Portuguez nem a nobreza dos seus projectos, nem a prudencia, e o valor, com que os concebia, e executava. Ormús, Goa, e Malaca ainda hoje respeitaõ a sua memoria, e quasi todos os povos da India se lembraõ d'elle, como de hum varaõ igualmente valeroso que clemente. Pelo que teve muita razaõ o nosso Macedo (a) para dizer d'elle na sua Ulyssipo:

Se quereis ver o Capitaõ mais claro,  
 Que a fama conheceo, que vio a terra,  
 Vede a *Albuquerque* insigne, archivo raro;  
 Que a disciplina militar encerra.  
 Quantas vezes o vejo, mais reparo  
 Neste grande varaõ, raio da guerra:  
 Notai-o de vagar, que basta vê-lo,  
 Para ficardes do valor modelo.

Das Decadas de Joaõ de Barros, dos Commentarios, que sobre as suas memorias escreveu seu filho do mesmo nome, da Chronica de ElRei D. Manoel, escrita por Damiaõ de Goes, e da Chronica de D. Joaõ III, escrita pelo Chronista Francisco de Andrada, constaõ os illustres feitos, tanto deste valeroso Capitaõ, como de outros do mesmo appellido, obrados no Oriente, principalmente os de Mathias de Albuquerque, Vice Rei daquelle Estado. Nem

deveis

---

(a) Ulyssip. Cant. 12. Est. 56.



deveis ignorar, que a esta Familia de *Albuquerque* se conferiraõ nos tempos passados varios Titulos de Grandeza pelos nossos Reis: como por exemplo o de Conde de Penamacor, que ElRei D. Affonso V conferio no anno de 1476 com o Senhorio daquella Villa, e o da de Abiul ao seu Camareiro mór, D. Lopo de Albuquerque: (a) o Titulo de Conde de Alegrete, que ElRei D. Joaõ IV deo no anno de 1644 a Mathias de Albuquerque, (b) Governador das Armas da Provincia de Alemtejo, varaõ digno de mais larga vida: além do Condado de Pernambuco, e Marquezado de Basto, que o Rei Philippe IV, governando este Reino, deo a Duarte de Albuquerque Coelho, Senhor daquella Capitania, e o Titulo de Conde de Lavradio, que o mesmo Rei deo a D. Jorge Manoel de Albuquerque, Senhor do Morgado dos *Albuquerques de Azeitão*; posto que de presente naõ exista nenhum daquelles Titulos, e sómente o illustre fangue dos *Albuquerques* derramado por quasi todas as Casas Titulares do nosso Reino. Nas Provas da Historia Genealogica, e na Monarchia Lusitana achareis nomeados muitos Senhorios, que neste mesmo Reino obteve a mesma Familia. Por exemplo, ElRei D. Fernando deo a D. Fernando Affonso de Albuquerque, q̄ depois foi Embaixador de ElRei D. Joaõ I a Inglaterra, (c) o Mestrado de Santiago, (d) e as rendas de Aveiro, Villanova Danços, Abitureiras, e outras terras; (e) e a Fernando de Albuquerque, Alcaide mór da Cidade da Guarda, deo os direitos Reais da mesma Cidade. (f) ElRei D. Affonso V deo a Pedro de Albuquerque as Villas de Sabugal, e Alfaiates; (g) e a Lopo de Albuquerque fez seu Camareiro mór pela Provisão transcripta pelo P. Sousa, (h) que tambem faz menção do lugar de Copeiro mór, conferido a D. Garcia de Albuquerque, e

Fff 2

dos

(a) Souf. Hist. Gen. tom. 3. pag. 28.

(b) Id. tom. 7. pag. 220.

(c) Monarch. Lusit. tom. 8. pag. 721.

(d) Mon. Lusit. tom. 8. pag. 154.

(e) Id. pag. 187.

(f) Id. pag. 188.

(g) Prov. da Hist. Gen. tom. 2. pag. 20.

(h) Prov. tom. 2. pag. 15.



dos muitos foros, que os desta Familia obtiveraõ em a nossa Casa Real, (a) os quais, por serem vulgares nesta Familia, naõ preciso declarar-vos. Basta sõ lembrar-vos, que ella produzio a outro Affonso de Albuquerque, que grangeou pelas suas muitas virtudes hum nome nada inferior ao do Grande Affonso de Albuquerque, de que ja fallei, como disse hum nosso Escritor pelo seguinte modo: (b) „ Naõ se póde dizer, que adquirio menos „  
 „ gloria, antes mais, a illustre Familia dos *Albuquer-* „  
 „ *ques* com as preclaras virtudes do fervo de Deos, Fr. „  
 „ Affonso de Albuquerque (Capuchinho) que com as „  
 „ famosas victorias do grande Affonso de *Albuquer-* „  
 „ que, de quem era propinco em parentesco. „

*D. Hug.* Deixai repetiçoens de coizas sabidas, Senhor Lami, e declarai as Casas de *Albuquerque*s existentes neste Reino, sem serem Titulares.

*Lam.* As que agora me lembraõ, e que nomearei, como me lembrarem, saõ a dos **ALBUQUERQUES CASTROS** da Infua de Penalva; a dos **ALBUQUERQUES COELHOS** de Lisboa; e a dos **ALBUQUERQUES CARDOSOS** de Viseo.

A CASA dos **ALBUQUERQUES CASTROS** da Infua de Penalva he possuida por Francisco de Albuquerque de Castro, Fidalgo da Casa Real, e Mestre de Campo de Auxiliares, filho de Joaõ Rodrigues de Albuquerque de Castro, Fidalgo da mesma Casa, Commendador de S. Martinho das Chans na Ordem de Christo, e Capitãõ mór do Concelho de Penalva, e de sua mulher, D. Margarida Francisca de Sottomayor e Vasconcellos, filha de Luiz Ribeiro de Sottomayor, Fidalgo da Casa Real, e Capitãõ mór de Caya, que era filho de Braz Ribeiro da Fonseca, Lente de Prima de Leis na Universidade de Coimbra, e Desembargador do Paço; neto o dito Francisco de Albuquerque de Castro de outro Francisco de Albuquerque de Castro, Commendador de S. Martinho das Chans na Ordem de Christo, e Tenente General de Cavallaria na guerra da Acclamação, e de sua mulher e

(a) Prov. da Hist. Gen. tom. 2. pag. 26. 29. 181. 366. 798. 834. &c.  
 (b) Agiolog. Lusit. tom. 2. pag. 16.



prima, D. Luiza Pereira de Albuquerque, filha de Manoel Pereira de Albuquerque, Capitão mór de Penalva. Casou o referido Francisco de Albuquerque de Castro com D. Isabel Antonia de Mello, filha herdeira de Antonio Luiz de Mello e Sousa, Moço Fidalgo da Casa Real, Senhor do Morgado de Casal Vasco, que passou a esta filha, e da Quinta da Vargea na Ponte de Coimbra, e de sua mulher, D. Isabel Maria Pereira de Sottomayor, filha de Gonçalo Affonso Pereira de Sottomayor, Fidalgo da Casa Real, Commendador na Ordem de Christo, Alcaide mór da Villa de Caminha, e Senhor do Morgado de Barbeita, e de sua mulher, D. Sebastianna de Valladares, natural da Cidade do Porto, e filha de Luis de Valladares Carneiro, Fidalgo da Casa Real.

A CASA dos ALBUQUERQUES COELHOS de Lisboa, que herdou D. Ignez de Albuquerque e Lancaestre, filha de Francisco de Albuquerque Coelho de Carvalho, Fidalgo da Casa Real, Alcaide mor de Sines, Commendador de S. Maria da Villa de Cea, S. Martinho das Moutas, e S. Ildefonso de Val de Toalhas, todas na Ordem de Christo, Senhor do Couto de Outil, e das Villas de S. Antonio de Alcantara, e S. Cruz de Camura no Maranhão, e Capitão General naquelle Estado, e de sua mulher, D. Teresa de Lancaestre, filha de Diogo Correa de Sá, terceiro Visconde de Asseca, Alcaide mór da Cidade do Rio de Janeiro, Commendador de S. Salvador de Minhoatens, S. João de Cassia, Senhor de Tanquinhos, e do Couto de Penaboa, e das Villas de S. Salvador, e S. João no Brasil &c. e de sua mulher, D. Ignez de Lancaestre, filha de Luiz Cesar de Menezes, Alferes mór do Reino, Governador de Angola &c. neta a dita D. Ignez de Albuquerque e Lancaestre de Antonio de Albuquerque Coelho Cavalcanti, Fidalgo da Casa Real, Commendador na Ordem de Christo, Sargento mór de Batalha, do Conselho de Sua Magestade, e Governador do Maranhão, Minas, e Angola, e de sua mulher, D. Luiza Antonia de Mello, filha de D. Francisco José de Mello: e casou D. Ignez de Albuquerque e Lancaestre, herdeira desta Casa, com seu tio, João Correa de Sá, filho do ter-  
cei-



ceiro Visconde de Affeca, Diogo Correa de Sá, que ha pouco nomeei.

A CASA dos ALBUQUERQUES CARDOSOS de Viseo, possuida por Antonio José de Albuquerque Cardoso do Amaral, Fidalgo da Casa Real, filho de Francisco de Albuquerque do Amaral, Senhor da Casa dos Coutos em Viseo, e Fidalgo da mesma Casa Real, e de sua mulher, D. Luiza Josefa de Gusmaõ e Zuñiga, filha de Luiz de Pina de Aragaõ, Superintendente da Caudelaria na Comarca da Guarda, e de sua mulher, D. Antonia Maria de Gusmaõ, filha de D. Pedro de Chaves e Gusmaõ, Comendador de Moreira, Fidalgo da Casa Real, e Mestre de Campo de Auxiliares; neto o dito Antonio José de Albuquerque Cardoso do Amaral de Duarte Pacheco de Albuquerque, Senhor da dita Casa dos Coutos, e seus Padroados, Fidalgo da Casa Real, e de sua mulher, D. Theotonia Eugenia de Vasconcellos e Amaral, sua prima, filha herdeira de Joaõ do Amaral Coelho, Senhor do Morgado de S. Francisco de Orgens, e Capitãõ mór Governador da Comarca de Viseo: e casou Antonio José de Albuquerque Cardoso do Amaral com D. Maria Victoria Josefa de Loureiro Vasconcellos e Menezes, filha herdeira de Manoel Loureiro de Vasconcellos, natural de Touraes, e de sua mulher, D. Anna Maria Mafalda de Menezes Morais e Castro, filha de Francisco Borges de Carvalho, Capitãõ mór do Concelho de Penaguiaõ; e neta a dita D. Maria Victoria Josefa de Loureiro de Luiz Loureiro de Vasconcellos, Mestre de Campo de Auxiliares na Comarca da Guarda.

## 25. ALCAÇOVA.

Est. 1. *Lam.* A Nobiliarchia dá aos Alcaçovas por armas em  
Esc. 25. *campo azul huma fortaleza de prata, com cinco torres tam-  
bem de prata, sendo a do meio mais alta, com portas, e  
frestas, e lavrada de preto, a muralha de prata: tym-  
bre a mesma fortaleza: e diz, que deo tais armas no an-  
no de 1491 ElRei D. Joaõ II ao seu Secretario Pedro de Al-  
caçova Coelho naõ achou, que notar neste escudo, e só*  
re-



repara, em que Villasboas chame *muralha de prata*, ao que nas leis da Armaria deve nomear-se *muralha dobrada*. Purificação diz, que a fortaleza deve ser de prata lavrada de negro, e cita a favor da antiguidade dos *Alcaçovas* aquellas coplas:

Estes com os de Montão

Portugales verdadeiros

Naõ teraõ nenhum primeiro:

Assi ló de fangue saõ

Antigo, nobre, e guerreiro.

*Alcaçova*, *Alcaçava*, ou *Alcazeva* he nome Arabigo, que significa, segundo Urrea, *Castello forte*, e *inexpugnavel*, deduzido de *Casabetum*, ou *Casabe*, que allude a fortaleza; e tinha o nome de *Alcaçova* hum Castello antigo, que servio em Lisboa muitos annos de Palacio aos nossos Reis, no qual vivia Pedro de Alcaçova, Escrivaõ da Fazenda, ou Secretario de ElRei D. Afonso V; do qual Castello tomou a Familia o nome, e as armas, como diz o dito Coelho. A confiança, que o mesmo Monarca D. Affonso fazia de Pedro de Alcaçova, se patenta da sua Chronica, (a) onde lemos, que: „ Tendo „ „ ElRei determinado de em pelloa ir sobre Tangere, „ „ por naõ ter prestes tudo, o que era necessario para „ „ conquista de tamanha Cidade, com conselho dos se- „ „ us mudou o proposito com a Villa de Arzilla; pelo „ „ que mandou a ella Vicente Simoens, homem mui ex- „ „ perto nas cousas do mar, e Pedro de Alcaçova, seu „ „ Escrivaõ da Fazenda, de que muito se fiava, com „ „ pretextos de fingidos negocios, que com os Mouros „ „ tractavaõ, para espiarem, como podiaõ ancorar, e „ „ desembarcar, e assentar em terra, e os apercebimen- „ „ tos, que para isso lhe eraõ necessarios. „ E sendo delles informado passou a conquistar aquella terra com o bom successo, que relataõ as nossas Historias. Mostra-se desta commissaõ, e da consequencia della, o quanto ElRei confiava da intelligencia, segredo, e fidelidade de Pedro de Al-

(a) Chron. de Af. V. cap. 30. pag. 138.



Alcaçova, de quem depois se servirão muito os Reis D. João II, e D. Manoel, do qual foi Secretario, (a) e Fidalgo com moradia na Casa de ambos. (b) Foi Pedro de Alcaçova casado com Leonor Alvares Coutinho, e teve por filha a D. Brites de Alcaçova, mulher de Antonio Carneiro, Secretario dos Reis D. Manoel, e D. João III (ao primeiro dos quais foi muito aceito) Capitão da Ilha do Principe, e Alcaide mór de Bellas: e delles além de outros muitos filhos nasceu Pedro de Alcaçova Carneiro, cujo nome, importantes serviços, e provada fidelidade são bastantes para realçar, e fazer no mundo recommendavel a Familia dos *Alcaçovas*; porque este varão, instruido na grande arte da Politica pelo Conde de Vimioso, D. Francisco de Portugal, famoso Mestre della, servio com grande reputação desde a mais tenra idade aos nossos Principes, merecendo, que ElRei D. João III, depois de seu Secretario, o nomeasse Escrivão da Puridade, emprego da mais alta graduação, como tenho dito. ElRei D. Sebastião o fez Vedor da Fazenda, Conselheiro de Estado, e o mandou por Embaixador ao Rei D. Philippe o Prudente, para apparecer na Corte de Madrid com o pomposo apparato, aceitação, e acolhimento, que nos deixou escrito hum Poeta desta Ribeira, o famoso Diogo Bernardes, na carta, que dirigio a João Rodrigues de Sá e Menezes, e he a ultima do seu *Lima*. Foi Pedro de Alcaçova Carneiro nomeado hum dos Governadores deste Reino em 1578, quando ElRei D. Sebastião partio para a infeliz jornada de Africa; e para melhor conhecerdes as relevantes virtudes deste Fidalgo, vos recordarei, o que sobre a sua Politica publicou huma obra sahida do Ministerio do Senhor Rei D. José I, e o que sobre o seu desinteresse nos attestou o Abbade Barbosa na *Biblioteca Portugueza*. O Autor da *Deducção Chronologica* (c) diz assim: „ Basta reflectir-se em que foi (Pedro „ „ de Alcaçova) o Discipulo mais adiantado, e distin- „ „ cto da Regia Escola do Senhor Rey D. João II, „ „ e „

(a) Souf. Hist. Genealog. tom. 3. liv. 4. pag. 219.

(b) Prov. da Hist. Gen. tom. 2. pag. 178. &c.

(c) Deduc. Chronolog. Part. 1. divisão 5. num. 113.



5, e em que depois d'elle não houve neste Reyno Mi- ,,  
 ,, nistro Politico, e de Estado advertido, que não pro- ,,  
 ,, curasse tomar por modelo a Pedro de Alcaçova Car- ,,  
 ,, neiro para segurar os acertos do seu ministerio. ,, Bar-  
 bosa se explica do seguinte modo: (a) ,, Nunca se con- ,,  
 ,, taminou com a vil paixão do interesse, e muito me- ,,  
 ,, nos com o veneno da lisonja, mostrando em todos ,,  
 ,, os votos, que dava aos seus Soberanos, que na- ,,  
 ,, ciaõ do amor da verdade, e odio da cubiça. Do seu ,,  
 ,, religioso animo será eterno monumento o Conven- ,,  
 ,, to de N. Senhora do Amparo, chamado vulgarmente ,,  
 ,, Casa nova, situada quatro legoas distante de Lisboa ,,  
 ,, &c. ,, Tinha fundado este Convento seu tio, Fernão  
 de Alcaçova, Provedor mor dos Contos, que se acha  
 entre os Moradores da Casa de ElRei D. João o III. (b)  
 Nas Obras Genealogicas podereis ver a illustre descen-  
 dencia do primeiro Pedro de Alcaçova pela uniaõ com os  
*Carneiros*, chamados *do Secretario*; e tambem, o como  
 entrou o sangue dos *Alcaçovas* na Casa dos Viscondes  
 de Villa Nova pelo casamento, que D. Lourenço de Li-  
 ma Brito e Nogueira, VII Visconde, celebrou com D.  
 Luiza de Tavora, filha de Luiz de Alcaçova, Commen-  
 dador da Idanha: o que em todas se acha bem patente.

*D. Hug.* O nosso Salazar de Castro na *Casa de Silva*,  
 que nos declarou ter ElRei Philippe Prudente, quando  
 entrou no governo deste Reino, creado Conde de Ida-  
 nha a Pedro de Alcaçova Carneiro, e o casamento deste  
 Conde com D. Catharina de Sousa, filha de D. Diogo de  
 Sousa, Alcaide mór de Thomar, e Commendador na Or-  
 dem de Christo, ja tractou com bom conhecimento da  
 Familia dos *Alcaçovas* até Gonçalo da Costa de Mene-  
 zes, Senhor de toda a Casa delles. Dizei-me porêm vós,  
 quem possue esta Casa presentemente?

*Lam.* A CASA dos ALCACOVAS he possuida por  
 Gonçalo Xavier de Alcaçova Carneiro e Menezes, Secre-  
 tario da Academia Real da Historia Portugueza, filho de  
 João Antonio de Alcaçova, Senhor dos Morgados de *Al-*

Ggg

ca-

(a) Bibl. Lusit. tom. 3. pag. 548.

(b) prov. da Hist. Gen. tom. 2. pag. 823.



*caçovas*, e *Carneiros*, Commendador na Ordem de Christo, e de sua mulher, D. Guiomar de Mendoga, filha de Luiz de Saldanha da Gama, Senhor da Villa de Assaquins, Commendador de Alcains, e Salvaterra de Ribatejo na Ordem de Christo, Governador e Capitão General de Mazagaõ, Conselheiro de Guerra, e de sua primeira mulher, D. Magdalena de Mondoça, filha de Garcia de Mello e Torres, primeiro Marquez de Sande, e Conde da Ponte, do Conselho de Estado, Embaixador Extraordinario a Inglaterra, e França; neto pela parte paterna de Gonçalo da Costa de Menezes, Commendador na Ordem de Christo, Governador, e Capitão General do Reino de Angola, cuja ascendencia lereis na *Corographia Portugueza*, e de sua mulher, D. Antonia Theodora de Vilhena, filha de Ruy de Moura Manoel, Senhor do Morgado da Corte do Serraõ, em Moura, Governador de Esigueira, e Aveiro, e de sua segunda mulher, D. Luiza de Tavora, filha de Antonio Correa Baharem, Commendador de S. Bartholomeo de Alfange na Ordem de Christo, Senhor da Ponte do Soro. Casou Gonçalo Xavier de Ataçova Carneiro e Menezes com D. Anna Teresa de Moscoso, filha de Ayres de Saldanha de Albuquerque, Alcaide mór de Soure, Gentil Homem da Camara do Infante D. Antonio, Governador, e Capitão General do Rio de Janeiro, Commendador da Savacheira, Castro Laboreiro, Lagares, e Alemcarcas na Ordem de Christo, e de sua mulher, D. Maria Leonor de Moscoso, filha de D. Joaõ Mascarenhas, quinto Conde de S. Cruz, e Dama do Paço.

## 26. ALCOFORADO.

Est. 1.  
Esc. 26.

*Lam.* Esta Familia diz a *Nobiliarchia*, que tem por armas *hum escudo enxequetado de prata, e azul, de sete peças em faxa, e por tymbre huma Aguia de azul, voante, armada, e enxequetada da banda direita ametade de prata.* Diz mais com o Conde D. Pedro, que procedem os *Alcoforados* de Pedro Mendes de Aguiar. Coelho, que nomêa *Alcamforados* os filhos desta Familia, não achou, que emendar no escudo, e só no tymbre diz, que ha de ser



fer huma Aguia azul volante, armada de prata com a aza direita enxequetada de prata; e se persuadio, que o Solar dos *Alcoforados* fora o Couto de *Alcofra* no Julgado de Alafoens, porque era honra dos Fidalgos deste appellido, como se colligia de huma sentença existente nos registros de ElRei D. Affonso IV; e esta *Alcofra* he em os nossos dias huma Freguezia do Bispado de Viseo (de cuja Cidade dista quatro legoas) pertencente ao Concelho de Alafoens, a qual tem por orago N. Senhora da Assumpção, e he do Padroado Real. Porém o P. Carvalho (a) affirma, que o Solar dos *Alcoforados* he a Torre de *Alcoforado* na Freguezia de Lordello, quatro legoas distante da Cidade do Porto, de cuja Torre foi Senhor em os nossos dias Francisco de Sousa da Silva Alcoforado Rebello, varaõ tam nobre, e sabio, como o testificaõ as suas Obras, de que tracta a *Biblioteca Lusitana*. (b) Pelo citado Nobiliario do Conde D. Pedro nos consta, (c) que o primeiro que usou do appellido *Alcoforado*, foi Pedro Martins Alcoforado, filho de Martim Peres de Aguiar, descendente de D. Gueda, o velho, de quem já tractamos, quando discorremos sobre os *Aguiares*: o qual, seguindo ao Conde, era por sua Mãe neto de Gonçalo Mendes de Sousa, e de D. Goldora Goldores de Refeiteira, Fundadora do Mosteiro Benedictino de Bostello, que Fr. Leaõ de S. Thomaz na *Benedictina Lusitana* interpreta *Boa Estrella*, situado junto da antiga Villa de Arrifana, Cidade hoje de Penafiel, onde a mesma D. Goldora Goldores se acha enterrada: e os seus descendentes foraõ Senhores do dito Mosteiro, como se colhe dos nossos Escritores. (d) Casou o dito Pedro Martins Alcoforado com D. Teresa Soares, filha de D. Soeiro Paes Soeiro Mouro, a quem o Conde D. Pedro intitula *Mancebo de boa arte, e Cavalleiro assás*, e de D. Urraca Mendes, viuva de Diogo Gonçalves, o famoso Cavalleiro da Terra de Sousa, que morreo na batalha de Ourique, e filha de D.

Ggg 2

Fer-

(a) Carv. Cor. Port. tom. 1. pag. 375.

(b) Bibliot. Lusit. tom. 2. pag. 270.

(c) Nobil. Tit. 62. pl. 344.

(d) Nob. do C. D. Pedro Tit. 22. pl. 134.

Carv. Cor. Port. tom. 1. p. 386.



Fernam Mendes de Bragança, Fidalgos todos da primeira Grandeza daquelles tempos. Bem he verdade, que o Chronista mor, Fr. Francisco Brandaõ, (a) deriva os *Alcoforados* por varonia dos *Soufas*, e quer, que Pedro Martins Alcoforado fosse filho B. de Gonçalo de Soufa, e de D. Goldora Goldores; no que parece se equivocou, como ja advertio o P. Carvalho, (b) fazendo filho, ao que era neto; e em abono da Familia dos *Alcoforados* diz o seguinte: „ He esta Familia huma das que vemos mais „  
 „ liadas por casamentos com as principais do Reino, „  
 „ como se alcançará em varios titulos do Conde D. „  
 „ Pedro, que nella fallãõ. Em Entre Douro e Minho ; „  
 „ tiverãõ muitas honras, que se achãõ nos Livros das „  
 „ Inquiriçoens daquelle tempo, em que havia deste „  
 „ appellido pessoas de grande estimaçaõ. „ O certo he, que a Rainha D. Leonor Telles de Menezes, mulher do nosso Rei D. Fernando, teve sangue desta Familia, por ser netta de D. Aldara Affonso Alcoforado, filha de Vasco Affonso Alcoforado, e de sua mulher, D. Brites Martins Barreto, como está escrito na *Historia Genealogica da Casa Real*. (c)

*D. Hug.* E que Senhorios, cargos honrosos, e filhos illustres tiverãõ os *Alcoforados*? Que Casas ha hoje, que tenhaõ a varonia, ou o appellido desta Familia?

*Lam.* Na Lista dos Fidalgos, que serviraõ ao Infante D. Diniz, depois Rei deste Reino, vereis a Lopo Affonso Alcoforado, Vassallo do Rei D. Affonso III, seu Pai, a quem se davaõ duzentas livras em pannos por moradia, como prova a nossa *Monarchia Lusitana*. (d) Vereis nas *Provas da Historia Genealogica*, (e) que ElRei D. Pedro I de Portugal teve por Vassallo a Gonçalo Martins Alcoforado, a quem deo o Castello de Campo Mayor; e que a Pedro Martins Alcoforado, hum dos principais Fidalgos, que seguiraõ a vóz de ElRei D. Joaõ I, fez

(a) Brand. Mon. Lusit. tom. 5. pag. 55.

(b) Carv. Cor. Port. tom. 1. p. 375.

(c) Souf. Hist. Genealogica tom. 1. pag. 430.

(d) Brand. Mon. Lusit. tom. 5. pag. 48.

(e) Prov. da Histor. Geneal. tom. 6. pag. 682.



(a) fez Alcaide mór de Elvas, em nome da qual Cidade representou depois nas Cortes em tempo do mesmo Rei D. João: o qual no anno de 1384, para mostrar a distincão, que fazia desta Familia, deo a Terra de S. Cruz no Almojarifado de Guimaraens a Martim Gonçalves Alcoforado, o qual foi tambem Senhor de Baltar. (b) No Tombo do Mosteiro de Grijó, feito em tempo do mesmo Rei D. Pedro I, no titulo *dos Infançoens* se acha Gonçalo Peres Alcoforado entre os Fidalgos, que tinhaõ comedia no mesmo Mosteiro; e tambem huma irmã sua; que he prova de procederem dos Fundadores, ou Bemfeitores d'elle. Vereis finalmente nos Livros dos Moradores da nossa Casa Real a muitos filhos desta Familia servindo-a com os mais honrados foros de maneira, que sómente no Reinado de El Rei D. João III havia quatro distintos Fidalgos alistados nos mesmos Livros, que foraõ Gonçalo Vaz Alcoforado, Francisco de Sousa Alcoforado, Christovão de Sousa Alcoforado, e Miguel Alcoforado. (c) De sorte que a Nobreza dos *Alcoforados* se acha optimamente demonstrada pela nossa Historia: e da vossa até consta, (d) que hum filho desta Familia escreveu doutamente a noticia do Descobrimento da Ilha da Madeira, como nos informa D. Francisco Manoel de Mello, quando se lembra (e) das pessoas, que antes d'elle tinhaõ escrito sobre o mesmo assumpto. „ Poucos annos ha ( diz „ „ elle ) que Manoel Thomaz nosso amigo publicou da „ „ propria acção o seu Poema, chamado *Insulana*. An- „ „ tes, e melhor que todos, Francisco Alcoforado, Es- „ „ cudeiro ( valia o que hoje Fidalgo ) do Infante D. „ „ Henrique, fez de todo o successo huma Relação, „ „ que offereceo ao mesmo Infante, taõ cheia de singe- „ „ leza, como de verdade, por ser hum dos companhei- „ „ ros neste descobrimento, a qual Relação original eu „ „ guardo, como joya preciosa, vindo á minha maõ „ „ por extraordinario caminho. „ Pelo que toca ás Casas, „ que

(a) Sant. Mon. Lusit. tom. 8. pag. 618.

(b) Id. tom. 8. pag. 621.

(c) Prov. da Hist. Gen. tom. 2. pag. 802. 828.

(d) Pinel. Bibl. Indian. tom. 2. pag. 914.

(e) D. Fr. Man. Epanaphor. 3. pag. 274.



que hoje há dos *Alcoforados*, omittindo aqui a noticia daquellas, que usão deste appellido juntamente com outros, que pertencem a outro lugar, onde as referirei, só me lembro dos *ALCOFORADOS*, Senhores da *CASA DA SILVA*, e dos *ALCOFORADOS*, Senhores da *CASA DE VILLA POUCA*.

A *CASA*, vulgarmente chamada *DA SILVA*, junto á Villa de Barcellos, he possuida por Gonçalo de Sousa da Silva Alcoforado Rebello e Lancaestre, Moço Fidalgo da Casa Real, Mestre de Campo de Auxiliares na Comarca do Porto, filho de Francisco de Sousa da Silva Alcoforado Rebello, Fidalgo da Casa Real, Senhor da Torre de *Alcoforado* na Freguezia de Lordello, Concelho de Aguiar de Sousa, e da dita Casa da Silva na Freguezia de S. Juliaõ de Calendario de Tamel, (a) e de sua mulher, D. Margarida Isabel de Lancaestre, filha de Gonçalo de Almeida e Sousa, Senhor da Villa do Banho, e Casa da Cavallaria, junto a S. Pedro do Sul, Alcaide mór de Alfayates, Moço Fidalgo com exercicio na Casa de S. Mag., e de sua mulher, D. Anna Joaquina de Lancaestre, filha de D. Rodrigo de Lancaestre, Camarista do Infante D. Manoel, Irmaõ do Senhor Rei D. Joaõ V, cuja ascendencia, e casamento declara a *Historia Genealogica da Casa Real*; (b) neto pela parte paterna de Antonio de Sousa da Silva Alcoforado, Senhor da mesma Casa da Silva, Fidalgo da Casa Real, e de sua mulher, D. Antonia Bernarda de Lobera, filha de Jeronymo Brandaõ da Silva, Fidalgo da Casa Real, e de sua mulher, D. Petronilha de Sottomayor, filha de D. Pedro Marinho de Lobera, Senhor da Serra em Galliza, que hoje he Titulo em Castella. He casado Gonçalo de Sousa da Silva Alcoforado e Lancaestre com D. Maria Engracia de Almada e Mendocça, filha de Francisco de Almada e Mendocça, primeiro Visconde de Villa Nova de Souto de ElRei, Ministro Plenipotenciario do Senhor Rei D. José I á Santa Sede, e Commendador na Ordem de Christo, irmaõ de Joaõ de Almada e Mello, Tenente General dos Exercitos de S. Magestade, Governador das Armas do Partido do

(a) Carv. Cor. Port. tom. I. pag. 301.

(b) Souf. Hist. Gen. tom. II. pag. 364.



do Porto, e das Justiças da Relação da mesma Cidade, &c. ambos filhos de Antonio José de Almada e Mello, Brigadeiro dos Exercitos, Senhor do Morgado dos Olivais, e de Souto de ElRei, Commendador na Ordem de Santiago, e de sua mulher, D. Maria Josefa da Cunha, filha de Francisco da Cunha Velho, Governador de Monção, &c. dos quais vos informarei melhor, quando chegarmos ao appellido *Almada*.

A CASA de VILLA POUCA, que está situada na Freguezia de S. Sebastião da Villa de Guimaraens, e foi vinculada por Pedro Machado, (a) he possuida por Rodrigo de Sousa da Silva Alcoforado, Moço Fidalgo da Casa de S. Mag., Coronel de Cavallaria na Provincia de Tras os montes, filho de Francisco Philippe de Sousa da Silva Alcoforado, Senhor da mesma Casa, Moço Fidalgo da Casa de S. Mag., e de sua mulher, D. Rosa Maria de Viterbo e Lancaestre, filha de Diogo Correa de Sá, Visconde da Asseca, Alcaide mór da Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, e Commendador na Ordem de Christo, &c. e de sua mulher, D. Ignez de Lancaestre, filha de Luiz Cesar de Menezes, Alferes mór do Reino, Governador de Angola, &c. neto pela parte paterna de Rodrigo de Sousa da Silva Alcoforado, Moço Fidalgo, Senhor da mesma Casa de Villa Pouca, Mestre de Campo de Auxiliares, e de sua mulher, D. Isabel Francisca de Andrada Sottomayor, filha de Jeronimo Brandaõ da Silva, e de sua mulher, D. Petronilha de Sottomayor, filha do Senhor da Serra em Galliza, que ha pouco nomeei. He casado Rodrigo de Sousa da Silva Alcoforado com D. Maria José de Carvalho e Napoles, filha herdeira de Gonçalo André de Carvalho Napoles Mattos Alcaçova e Fonseca, Senhor da Casa do Paço de Nomaens em Guimaraens, Fidalgo da Casa de S. Mag., e de sua mulher, D. Luiza Clara de Vilhena (que foi segunda mulher) filha de Sebastião de Vasconcellos Carvalho e Menezes, Senhor da Casa de Villa Boa de Quires, junto a Canavezes, Fidalgo da Casa Real, e de sua mulher e prima, D. Ma-

(a) Corogr. Port. tom. 1. pag. 76.



Maria Teresa de Sousa, filha de Luiz Pinto de Sousa, Fidalgo da Casa, e Senhor da de Balsemao, junto a Lamego, que de presente possui Luiz Pinto de Sousa, Ministro da nossa Corte á de Londres, e Fidalgo de hum raro talento, e vastissima comprehensao Historica, de quem a seu tempo tractaremos.

## 27. ALDANA.

Est. 1: Lam. Do appellido de *Aldana* naõ tractou Villasboas, Esc. 27 mas fez d'elle mencao o M. Purificacao nos *Brazoens de Portugal*, porque lhe naõ seria occulto, que tinhaõ passado a este Reino alguns Cavalheiros deste appellido: e diz, que tem esta Familia por armas em *campo vermelho cinco flores de Liz de ouro postas em aspa, e por tymbre hum meio Leaõ de ouro rompente*. Se he certo, que hum *Aldana* prendeo na batalha de Pavia o Rei de Franca, Francisco I, tomariaõ os *Aldanas* modernos as Lizes com este fundamento em campo de sangue.

D. Hug. Como dos *Aldanas* antigos procederaõ os *Maldonados*, segundo escreve o Conde D. Pedro, (a) e neste Reino ha Casas de *Maldonados*, como imagino, naõ devia esquecer na vossa *Nobiliarchia* a Familia, de que tractamos; e até se conheceria assim melhor o caracter do Capitaõ Francisco de Aldana, que passou a Africa com o vosso Rei D. Sebastiao, para sacrificar por elle e por este Reino a vida nos campos de Alcacer. O M. Gandara (b) tracta com extensao da Familia de *Aldana*, progenitora dos *Maldonados*; e se todas as noticias, que elle della nos communica, saõ verdadeiras, notavel he o esplendor, e antiguidade da dita Familia, e certo o que elle diz de *se cifraren en ella todas las prerogativas de grandeza, que ai en las maiores, porque se deriva de los Clarissimos Reyes Godos, i Suevos, y se acompañó con los honorificos titulos de maior Grandeza de Ricos Hombres*. Nomêa Gandara as successoens desde o Rei Godo, Flavio Egica, e desde Ariamiro, Rei dos Suevos, até D. Arias Mendes, Conde de Minhor, Sande, Deza, Trafeza,

(a) Nobil. III. 74.

(b) Gandar. Nobil. de Galic. lib. 2. cap. 12. pag. 173.



deza , e outras terras em Galliza , que diz ser Senhor , e varonia da Casa de *Aldana* ; posto que Trelles fô principia este appellido em D. Pedro Arias , seu filho. Cita Gandara a Gil Gonzales Davila na Historia de Salamanca , (a) para nos declarar , que *la virtud deste linage , su valentia , i esfuerço ha sido provado em varios cazos , e que ganaron los Aldanas su blason en Francia con el poder de sus armas*. Cita tambem ao nosso famoso Genealogico , Alonso Telles de Menezes , (b) para dizer , que *Cajaron altamente los Aldanas , i se transplantaron en toda España con el bien ganado nombre de Maldonado , que pocas Ciudades hai , que no le gocen*. Julgo porêm , que estes *Aldanas* antigos usavaõ de outras armas , se attendemos áquellas coplas , que cita o dito Gandara :

*De Aldana solar Real ,  
De cinco flores onrado ,  
Aldana me han informado  
Espada i Luna trabia ,  
Tres Luzeros de oro havia ,  
Hasta que fue Maldonado.*

O que melhor explica Trelles , (c) quando diz , que as armas antigas desta Familia eraõ tres estrellas de ouro , huma meia Lua de prata , e huma espada em campo vermelho ; e que se mudaraõ depois em cinco flores de Liz em campo de sangue , porque D. Nuno Peres de Aldana , que vivia em tempo do Rei de Leaõ D. Fernando , e no de seu filho , D. Affonso IX , achando-se em França teve hum desafio com Guilherme , Duque de Normandia , na presença do Rei Philippe Augusto , e porque sahio vencedor , mudou as armas , tomando as Lizes , e o appellido de *Maldonado* , que Lavanha diz serem no seu tempo conhecidos em Galliza pelo nome de *Aldaons* ; posto que faz ao Cavalheiro do desafio da Familia dos *Chirinos* , no que parece teve desculpa , se attendemos a mostrar Trelles , que na Familia de *Aldana* entrou o sangue

Hhh

dos

(a) Hist. de Salam. lib. 3. cap. 14. pag. 321.

(b) Al. Tell. Nob. Tit. 2. cap. 17.

(c) Trel. Astur. Illustr. tom. 5. pag. 34. ou tom. 3. P. 1. cap. 3.



dos *Chirinos* por Reciberga Chirino, filha de Evancio Chirino, sobrinho de Reciberga, irmã do Rei Chindafvinto. Eu não me atrevo a garantir todas as noticias, que o M. Gandara nos deo da Familia de *Aldana*, porque a muita antiguidade dellas difficulta a sua cabal averiguação. O que sei he, que o fangue desta Familia entrou em quasi todas as Casas grandes de Espanha, e que muitos dos ascendentes, que os Genealogicos assignão a D. Pedro Arias de Aldana, Pai de D. Nuno Peres Maldonado, tiverão estabelecimento, e jurisdicção neste Reino de Portugal: porque D. Arias Peres de Aldana, Pai do dito D. Pedro Arias, foi Senhor da Cidade de Viseo, como affirma Trelles por autoridade de Argote de Molina, (a) Salazar de Mendoça, (b) e outros; e Hermenegildo Mendes, seu sexto avô, foi Conde de Tuy, e da Cidade do Porto em tempo de El Rei D. Affonso Magno, e seus successores, D. Garcia, D. Ordonho II, e D. Fruela II; o que a meu ver bastava, para ser este appellido chamado á Nobiliarchia Portugueza. E para celebridade desta Familia bastava tambem o produzir hum filho tal, como o Coronel Joaõ de Aldana, natural de Tortosa, que tanto se immortalizou na batalha de Pavia no anno de 1525 com a prizaõ do Rei de França, que vós, Senhor Lami, lembrastes; porque esta sua acção se prova do testemunho do Imperador Carlos V, que se acha no archivo de Tortosa com a attestação do Rei Philippe II, que a passou muito honrada a Marcos Alidonio de Aldana, filho do mesmo Joaõ de Aldana, quando no anno de 1589 lhe apresentou a espada, e o punhal, que o dito Rei de França entregou a seu Pai no acto da prizaõ, como tudo mostra e prova a Historia de Tortosa, escrita por Francisco Martorel de Luna.

### 28. I. ALDERETE.

Est. 1. *Lam.* Tambem não tracta Villasboas do appellido *Al-*  
 Esc. 28. *derete* na sua *Nobiliarchia*; mas não se esqueceo delle o  
 1. M. Purificação nos *Brazoens de Portugal*, e com razão, por

(a) Argot. de Molin. Nob. Andaluz lib. 1. cap. 83.

(b) Salaz. de Mendoç. Dignid. de Cast. lib. 2. cap. 5.



porque neste Reino, e na nossa Casa Real houve Cavalleiros deste appellido, principalmente no tempo da Princeza D. Joanna de Austria, Mãe do nosso Rei D. Sebastião, e mulher do Principe D. João, filho de ElRei D. João III, de cuja Casa foi Veador Pedro Alderete, como lemos na *Historia Genealogica*, (a) e o diz a mesma Princeza em huma memoria, citada nas *Provas* da referida *Historia*, (b) desta maneira: *Pedro Alderete, que sohia ser Veador dos Guastos e Compras . . . da minha Casa.* Tem os *Alderetes* por armas, seguindo ao dito Purificação, em campo vermelho huma Cruz de prata com orla azul, e nella oito Lirios de ouro, e julga-se, que foraõ tomadas estas armas por occasião da batalha das Navas. O nome *Alderete* diz Covarrubias, citando ao P. Guadix, ser de lugar, e familia, e significar o mesmo que sabio, entendido, e entremettido, na Lingoa Vascongada; e ca em Portugal vemos este appellido no Livro velho das Linhagens, e em o Nobiliario do Conde D. Pedro, (c) quando se tracta do Rico Homem, D. Guttere Alderete, tronco, ou varonia dos Silvas, que Lavanha affirma assistir na tomada de Coimbra em tempo do Rei D. Fernando o Magno.

D. Hug. Affim he, que D. Payo Gutterre, em quem o Conde principia a varonia dos Silvas, teve o appellido de *Alderete* ou *Alderce*, como o mesmo Conde o nomêa em outro lugar, e Duarte Nunes de Leão *Aldeire*; e diz o nosso Salazar de Castro na *Caza de Sylva*, (d) que o tal D. Payo tomara o appellido de *Alderete* dos lugares de *Alderete de Jusaõ*, e *Alderete de Susaõ* na Freguezia de Oserdaõ, termo de Valença do Minho, por ser Senhor daquelles lugares: mas se o *Alderete* do progenitor conhecido dos *Silvas* resultou do lugar, de que elle foi Senhor, e tambem da Torre de Silva na Freguezia de S. Juliaõ no mesmo termo de Valença, como diz a *Corographia Portugueza*; (e) he certo, que em Espanha temos a Familia de *Alderete*, que não deduzio do tal D. Payo o seu appellido;

Hhh 2

(a) Souf. Hist. Geneal. tom. 3. pag. 559.

(b) Prov. da Hist. Gen. tom. 3. pag. 71.

(c) Liv. velh. das Linhag. apud Souf. Pr. da Hist. Gen. tom. 1. pag. 145. 149. Nobil. do C. D. Pedro Tit. 58. p. 225.

(d) Caz. de Sylva tom. 1. pag. 44.

(e) Corogr. Port. tom. 1. pag. 277.



do ; e tem ella produzido homens famosos em armas , e letras , devendo lembrar na classe dos ultimos ao famoso Conego de Cordova , o Dr. Bernardo Alderete , que o he pela sua obra *Origem da Lingoa Castelhana* , e pelas *Antiquidades* de Espanha, Africa , e outras Provincias , em que apparece huma immensa erudição , e principalmente huma vasta noticia dos idiomas Grego , Hebreo, Punico , e Arabe , como atè declara S. Mag. Catholica no privilegio , que lhe concedeo no anno de 1613 para a impressão da dita obra. Naõ sendo menos notavel , que hum filho desta Familia , Fernando de Alderete , fosse o primeiro Doutor , que a Companhia denominada de JESUS teve na Vniversidade de Salamanca , como vereis em D. Nicolao Antonio.

## 28. II. ALEDO.

Est. 1.  
Esc. 28.

II.

*Lam.* O M. Purificação diz , que os *Aledos* tem por armas *hum escudo esquartelado , no primeiro , e terceiro Castello de prata em campo de sangue , e nos contrarios cinco escudos azuis do Reyno ; tymbre huma flor de Liz de prata.* Villalboas naõ fez menção de tal appellido , nem algum dos Escriitores vulgares , que eu saiba. Sei porêm , que houve , e ha neste Reino , huma Familia com o appellido de *Ledo* ; porque , quanto ao antigo , achamos no Catalogo dos Moradores da Casa de ElRei D. Joaõ III entre os seus Reposteiros , com a moradia de 400 reis por mez , a Jeronimo Ledo , como vereis nas *Provas da Historia Genealogica* da nossa Casa Real : (a) e quanto ao moderno , sei , que nesta Provincia do Minho na Freguezia de Ferreira , Concelho de Coura , contiguo a esta de S. Marinha , existe huma Casa nobre , chamada da Seara , que actualmente possue Manoel da Cunha de Andrada e Sousa , Cavalleiro na Ordem de Christo , e Desembargador da Relação do Porto , o qual he filho de Henrique de Caldas Ledo Baccellar , Cavalleiro na mesma Ordem , e possuidor da referida Casa , e de sua mulher , D. Prudencia da Cunha de Amorim , neta de Gonçalo da Cunha , que nas guerras da Acclamação servio com lustre de Official de Cavallaria ; e he o dito Manoel da Cunha de Andrada , além de Jurisprudente

(a) Prov. da Hist. Genealog. tom. 6. pag. 610.



prudente consummado, Genealogico muito curioso, como colligireis das Obras, que tem composto, e cita a *Bibliotheca Lusitana*. (a) Sabemos tambem, que os *Pereiras Ferrazes* de Ponte de Lima, Senhores do Morgado de Barreiros, tem a varonia dos *Ledos*; porque Gaspar Pereira Marinho Ferraz, Senhor do mesmo Morgado, e da Casa dos *Ferrazes*, he terceiro neto por varonia de Gaspar Ledo Pereira, filho de outro, que ja possuia o mesmo Morgado de Barreiros no seu tempo. Se porêm os ditos *Ledos* saõ os mesmos que os *Aledos*, de que faz menção o M. Purificação, não posso eu declarar, e só, que Henrique de Caldas Ledo, Pai do actual possuidor da Casa da Seara, era filho de Antonio de Barros Freire, e de sua mulher, D. Anna Soares de Lençoes, pessoas de qualificada nobreza, a saber, Antonio de Barros Freire, como descendente dos *Barros, Bacelares, Caldas, e Araujos* da nossa Provincia, e D. Anna Soares de Lençoes dos *Lyras* de Galliza, e das outras honradas, e nobres Familias, que vereis nos Costados, que della declaraõ os Nobiliarios. Com o escudo dos *Aledos* se acabaõ os da primeira Lamina, que apresento, e devemos acabar tambem esta nossa primeira conversação sobre a Nobiliarchia Portugueza.

---

(a) Barbosa. Bibl. Lusit. tom. 3. pag. 241.

*Fim do Primeiro Tomo.*



deste primeiro Tomo.

## A.

ABARCA, Familia, suas armas, e elogio	- - -	334.
ABOIM, Familia, suas armas, e elogio	- - -	335.
ABOINS de Lisboa	- - - - -	337.
ABRANCHES, Familia, suas armas, e elogio	- -	338.
Alcaides mores de Arrayolos	- -	339.
de Travanca	- - - - -	340.
ABREU, Familia, suas armas, e elogio	- - -	340.
ABREUS, do Amial junto a Vianna	- - - - -	345.
do Anquiaõ	- - - - -	345.
CASTELLOS BRANCOS, de Algodres	- -	347.
FILGUEIRAS, de Ponte de Lima	- - -	348.
GAMAS, de Senhorim	- - - - -	348.
de Grade	- - - - -	348.
do Ladario	- - - - -	349.
LIMAS, de Fornellos	- - - - -	349.
de Regalados	- - - - -	349.
LOBATOS GAÇOS, de Braga	- - -	350.
de Outeiro	- - - - -	244.
de Paço Vedro	- - - - -	345.
PEREIRAS, de Vianna	- - -	350.
PERESTRELLOS, de Coimbra	- - -	351.
SOARES, ou GOMES, de Vianna	- - -	351.
de Villa Pouca	- - - - -	352.
ABUL, Familia, suas armas, e elogio	- - -	352.
AC, A, ou DAC, A, Familia, suas armas, e elogio	- - -	353.
ACHIOLI, Familia, suas armas, e elogio	- - -	357.
ACHIOLIS de Castello branco	- - - - -	360.
Ponte de Lima	- - - - -	302.
ACTAS falsificadas de S. Justo, e Abundio	- - -	281.
ADOARES dos Mouros o que saõ	- - -	54.
ADORNO, Familia, suas armas, e elogio	- - -	360.
AFONSO, Familia, suas armas, e elogio	- - -	362.
AGARICO commum, e de carvalho	- - -	170.
AGOMIA, ou AGUMIA, Familia, suas armas, e elog.	- - -	364.
AGRICULTURA, suas excellencias	= = =	163.

AGUE



AGUEDA, Familia, suas armas, e elogio	- - -	366.
AGUIAR, Familia, suas armas, e elogio	- - -	369.
AGUILAR, Familia, suas armas, e elogio	- - -	375.
AGUILARES MEXIAS de Elvas	- - -	377.
AGUILERA, Familia, suas armas, e elogio	- - -	378.
AJOFRIM, Familia, suas armas, e elogio	- - -	380.
ALAGON, Familia, suas armas, e elogio	- - -	381.
ALAM, Familia, suas armas e elogio	- - -	382.
da Cidade do Porto	- - -	387.
ALARCAM, Familia, suas armas, e elogio	- - -	387.
ALARCOENS FIGUEIREDOS	- - -	391.
MOURAS de Lisboa	- - -	Ib.
PESSOAS, de Mondim	- - -	Ib.
ALARDO, Familia, suas armas, e elogio	- - -	392.
ALARDOS, de Leiria	- - -	393.
ALBERGARIA, Familia, suas armas, e elogio	- - -	394.
ALBERGARIAS, de Oliveira de Conde	- - -	399.
CABRAIS, da Beira	- - -	Ib.
MONTEIROS, de Lamego	- - -	400.
ALBERNAZ, Familia, suas armas, e elogio	- - -	400.
ALBOR, Familia, suas armas, e elogio	- - -	402.
ALBORNOZ, Familia, suas armas, e elogio	- - -	402.
ALBUQUERQUE, Familia, suas armas, e elogio	- - -	405.
ALBUQUERQUES CARDOSOS, de Viseo	- - -	412.
CASTROS, da Insua de Penalva	- - -	410.
COELHOS, de Lisboa	- - -	411.
ALCACOVA, Familia, suas armas, e elogio	- - -	412.
ALCACOVAS, de Lisboa	- - -	415.
ALCOFORADO, Familia, suas armas, e elogio	- - -	416.
ALCOFORADOS, da Casa da Silva	- - -	420.
de Villa Pouca	- - -	421.
ALDANA, Familia, suas armas, e elogio	- - -	422.
ALDEAS, como se principiaõ	- - -	56.
ALDERETE, Familia, suas armas, e elogio	- - -	424.
ALEDO, ou LEDO, Familia, suas armas	- - -	426.
ANIMAIS, o que contribuem para o Commercio	- - -	6, 53.
da Freguezia de S. Maria de Arcuzêlo	- - -	330.
ANNIO Viterbiense o que delle se conta	- - -	129.
ANTELLAS, monte da Freguezia de S. Marinha	- - -	222.
ANTIGUIDADES do Rio Lima, Dialog. 3. per totum	- - -	AR.



ARCUZELO (Freguezia de S. Marinha de)	- - -	141.
Sua descripção	- 141. Pertenceo a Tuy	- 144. Pas-
- sou para Braga	- 145. Foi de Ceuta	- 147. Estado
da Freguezia	- 147. Fontes que tem	- 148. Sua
Igreja Parochial	- - -	260.
ARGA, monte ou serra	- - -	209.
ATANADO, o que he	- - -	165.
ATILIOS, Consules	- - -	276.
REGULOS	- - -	277.
AUREGA (S. Miguel de) Igreja antiga	- - -	260.
AUREGENSES povos quais eraõ, ou onde	- - -	314.
AUTORES Genealogicos	- - -	21.
AVARUM Promontorium	- - -	101.
AVES de S. Marinha de Arcuzêlo	- - -	330.
AZEQUILAS, que saõ, e de que servem	- - -	257.
AZINHEIRO	- - -	169.

## B

BARBARAS naçoens, mal que cauzaraõ a Espanha	- - -	131.
BAROENS de França, seus antigos privilegios	- - -	79.
BAZGENDGE, o que he, e para que serve	- - -	184.
BELION, nomeado o Rio Lima	- - -	99.
BERNARDO Annes do Campo quem foi	- - -	25 e seg.
BEZERRA de Lima (Joam Antonio)	- - -	240.
BRUTO (Dec. Jun.) passa o Rio Lima	- - -	122.
naõ passou o Minho	- - -	123, 306.

## C

CAIO ATTILIO, se foi Pai de S. Marinha	- - -	273, e seg.
CAL, Como se faz	- 219. He estrume para as terras	- 221.
CALLAICOS, se procederaõ dos Gregos	- - -	136.
CAMPO, Familia, seu elogio	- - -	29, 31, e seg.
CAMPOMANES, suas opinioens	- - -	43, 199.
CAMPOS ELYSIOS, onde foraõ	- - -	87.
CAPELLAS, da Freguezia de S. Marinha	- 198, 209,	213, 243.
		CA



CARINO, e CARO, Imperadores - - - 285.  
 CARVALHOS, sua utilidade - 152. Predicados - 153.  
 Grandeza - Ibi. Duração 153, e 154. Cultivo,  
 e especies - 154, 168. Terreno, que querem - 155.  
 Côte delles - 159. De varios paizes - - - 189.  
 CASaubONO julgado - - - - 75.  
 CATELIO, ou CATILIO, se foi Pai de S. Marinha - 273.  
 CATHOLICOS, como julgaõ, e saõ julgados dos Protestan-  
 tes - 76.  
 CERNACHES, porque se tractará desta Familia - 23, 35.  
 CAVADO, Rio - - - - 84.  
 CASA do Antepasso, de Joaõ Luiz de Mello - - 248.  
 de Diogo Lopes Calheiros - - - 253.  
 de Domingos José da Gama - - - 302.  
 de Francisco Pereira de Sequeiros - - - 256.  
 da Freiria, de D. Tristaõ de Menezes - - - 229.  
 de Joaõ de Abreu Maya - - - 241.  
 de Joaõ Luiz Salgado Achioli e Vasconcellos - 302.  
 de José Joaquim de Brito e Abreu - - - 248.  
 do Outeiro, de Francisco de Abreu de Lima - 244.  
 de Pomachaõ, de Ventura Malheiro - - - 254.  
 das Regadas, de Francisco Manoel Perestrello - 192.  
 de Sabadaõ, de Joaõ de Mello Sampayo - 255.  
 CHAVES, inscripção notavel, que ali existe - - - 98.  
 CHINOS, sua industria, e Romagens - - - 150, 151.  
 CHRONICAS, os seus defeitos - - - - 134.  
 CHRONICOENS, a sua falsidade - - - - 287.  
 CIDADES, como se principiaõ - - - - 59.  
 CIDADE DE LIMICOS, onde esteve - - - - 94.  
 CIVITAS, o que era em tempo dos Romanos - 117. e seg.  
 COMMERCIO naõ he alheio aos Medicos - 5. Suas gene-  
 ralidades - 38. O de Portugal como será tractado -  
 40. Que he - 41. A principal dependencia do Estado -  
 42. Sua divisaõ - 50. Interior como se practica - 54.  
 O bem que cauza - - - - 72.  
 COMMERCiantES sabios, e honrados - - - 38, 43.  
 CONFRARIAS, como devem fundar-se, e para que - 199.  
 CONVENTO de Valle de Pereiras - - - - 202.  
 CORNELHAM, Doação deste Couto - - - 113, 134.  
 CORNILA, Ribeiro, ou TROVELA, onde he - - - 113.  
 CO-



- COYER *Abbade*, sua NOBREZA COMMERCIANTE - 713  
 CUNHA de Andrada (Manoel da) - - - 426.

## D

- DAVENANT, o que disse sobre o Commercio - - - 42.  
 DIARIO dos Litteratos de Espanha louvado - - - 130.  
 DOAC, AM de Cornelham a Santiago - - - 112.  
     de S. Marinha de Arcuzêlo à Sé de Tuy - 142.  
     da Igreja de Aurega á mesma Sé - - - 261.  
 DOMINGOS (Saõ) se foi da Familia de Gusmaõ - 356.

## E

- EGLOGA de Faria aos Nobres sem virtudes - - - 10.  
 ESPANHA, suas excellencias e prejuizos - - - 291.  
     Cauzas da sua depopulação - 62. Censura mal fun-  
     dada, que se lhe faz - - - 292.  
 ESTADO, como perde, ganhando os mercadores - - 45.  
 ESTRADAS Romanas, como se faziaõ, e á custa de quem - 251.

## F

- FABRICAS, se são todas uteis - - - 163.  
 FALTA DE GENTE, de que procede - - - 64.  
 FAMILIAS ora se aniquilaõ, ora se exaltaõ - - - 19.  
 FANATISMO ha por toda a parte - - - 76.  
 FARIA, sua Egloga aos Nobres presumidos - - - 10.  
 FERREIRA (Guimar) Fundadora do Convento de Valle  
     de Pereiras - 207.  
 FILGUEIRAS, monte de S. Marinha - - - 222.  
 FLORES (o Mestre) arguido - - - 227.  
 FONTES, da Freguezia de S. Marinha - - - 148.  
 FORMIGOSO, monte de S. Marinha - - - 224.  
 FORUM, o que era entre os Romanos - - - 119.  
     LIMICORUM, onde era - - - 93, 115.  
 FRANC, A tem, e teve abusos - - - 79.  
 FREGUEZIA de S. Marinha de Arcuzêlo, sua descri-  
     pção - 141.



## G

GALHAS, ou AGALHAS	-	-	-	178,	181.
GANDARA (o Mestre) arguido	-	-	-	-	284.
GENEALOGIA, sua utilidade	-	-	-	-	8.
GENEALOGICOS indoutos	-	-	-	-	16.
GENERALIDADES DO COMMERCIO	-	-	-	-	38.
GENEROS de cada paiz	-	-	-	-	44.
GRAVIOS, no Lima	-	-	-	-	135.
GUADALETE, se he o Letbes dos antigos	-	-	-	-	85.

## H

HERMOGIO, Bispo de Tuy	-	-	-	-	225.
HISTORIA GENEALOGICA do Cl. P. Sousa	24,	e	Jeg.		
HISTORIADORES de Alexandre Magno, seus erros	-	-	-	-	105.
Gregos e Latinos avaliados	-	-	-	-	137.
HORDES Tartaras, o que são	-	-	-	-	54.

## I

IDACIO Bispo, natural de Limia	-	-	-	-	107.
IGREJA de S. Marinha de Arcuzêlo	-	-	-	-	260.
de S. Miguel de Aurega	-	-	-	-	261.
IMPOSTOR famoso de Londres	-	-	-	-	77.
IMPRESSORES, o mal que fazem ás Letras	-	-	-	-	22.
INGLATERRA, se o seu povo he crédulo	-	-	-	-	77.
INSCRIPC, OENS Romanas	95,	96,	98,	116,	249.
INSECTOS demasiadamente examinados	-	-	-	-	180.
da Freguezia de S. Marinha	-	-	-	-	330.
INSTRUMENTO da Divisaõ dos Condados arguido	-	-	-	-	209,
					211,
					226.
INTRODUCC, AM geral desta obra	-	-	-	-	1.
ISCA, como se faz	-	-	-	-	172.
ITINERARIO de Antonino julgado	-	-	-	-	129.
JUIZES da Alfandega do Porto desde 1440 até 1675	-	-	-	-	36.



JUSTA (Santa) sua Capella . . . . . = 209.

## L

- LABRUJA, Serra, e Cidades, que teve - 224, 227.  
 Convento que ali houve - 225. Ribeiro . . . - 256.  
 LANDES dos Carvalhos . . . . . - 166.  
 LEC, A, Rio, onde nasce, e acaba, e se foi o Lethes - 83.  
 LETHES, ou Rio do Esquecimento - 75, 83, 84, 85.  
 LIMA, Rio, porque se diz do Esquecimento . . . - 80.  
 LIMIA, de Orense . . . . . - 108.  
 LIMICOS povos sua celebridade - 93. Contribuirão para  
 a Ponte de Chaves, 99. Pessoas destes povos em tempo  
 dos Romanos - 125. Se procederão dos Gregos - 135.  
 LINHO, o que utiliza ás terras, que o cultivão, e o-  
 bram - 47, e 52.  
 LUGARES da Freguezia de S. Marinha de Arcuzêlo - 30.  
 LUSIPHNEIDOS, quem foi A. deste Poema, e versos delle  
 copiados . . . . . 88.

## M

- S. MARINHA de Arcuzêlo, porque se traça primeiro des-  
 ta Freguezia - 18. Sua Igreja - 260. Outras da  
 mesma Santa na Provincia do Minho - 264. His-  
 toria da Santa . . . . . - 265, e seg.  
 MARINHO, Familia, sua origem, e elogio - 193.  
 MARTYRES, seu numero, e fôrmas de martyrios - 269.  
 MARTYROLOGIO de Baronio . . . . . - 289.  
 MARTYROLOGIOS, sua Historia . . . . . - 288.  
 MATERIAS em geral, de que traçará esta obra - 22, 39.  
 MAXIMAS mercantis . . . . . - 49.  
 MEDICOS, porque entendem de Commercio . . . . . - 5.  
 MEDULLIO, monte - 211. Se he a Serra de Arga - 308.  
 MEDULLINA Gente entre os Romanos . . . . . - 312.  
 MENEZES, Familia, seu elogio . . . . . - 229.  
 MERINDADES, o que eraõ antigamente . . . . . - 110.  
 MI



- MILAGRES, seus requisitos . . . . . 299.  
 MINAS de Azougue, Carvão &c. o bem que fazem - 51.  
 MINHO (Provincia do) descrita em verso . . . . . - 88.  
 MIRANDELLA, escreveo do Lima mal informado - 81.  
 MONTES, a sua utilidade . . . . . - 223.  
 MUSGOS, de que servem, e que são . . . . . - 188.

## N

- NEGOCIANTE, o como ganha, perdendo o Estado - 45.  
 NOBILIÁRIO do Conde D. Pedro . . . . . - 16. e seg.  
 NOBILIÁRIOS maos . . . . . - Ibi.  
 NORMANOS, destruíraõ a Provincia do Minho - 133.  
 NUMERIANO, Imperador, que tempo governou - 285.

## O

- OBJECTO do Commercio . . . . . - 45.  
 OLYBRIO, se foi Presidente Romano em Galliza - 280.  
 OVIDIO (Santo) se foi Bispo em Braga . . . . . - 214.

## P

- PATRIOTISMO verdadeiro, o que he . . . . . - 291.  
 PAYO (Sam) se foi Portuguez . . . . . - 228.  
 PELAMES da Freguezia de S. Marinha, seu estado - 162.  
 PITTA, o que contribue para o Commercio . . . . . - 53.  
 PLANTAS da Freguezia de S. Marinha . . . . . - 327.  
     o que contribuem para o Commercio . . . . . - 52.  
 POLYPODIO commum e de Carvalho . . . . . - 193.  
 PONTE DE LIMA, se he o FORUM LIMICORUM dos  
     Romanos - 106. Se a Ponte foi obra dos Romanos - 128.  
 POPULAC,AM da Europa segundo Beausobre . . . . . - 61.  
     suas cauzas - 64. seg. Walace . . . . . - 62.  
 PREZAS de Agoa, suas utilidades . . . . . - 257.  
 PRIVILEGIOS excessivos dos Nobres de França - - 79.



PTOLOMEO julgado, e a sua Geographia = 101, 103.

## R

REINOS engrandecidos pelo Commercio . . . . . 41.  
 RIBEIRA Lima e vizinhanças, tem muitas inscripçoens - 128.  
 RIBEIRO da Labruja . . . . . 256.  
 ROMANOS, como honravaõ as Sacerdotisas . . . . . 209.  
 ROMARIAS, se são uteis á Industria e Lavoura - 150.  
     dos Chinos . . . . . 151.  
 RUA d'alem da Ponte . . . . . 239.

## S

SERNECHIA (Fr. Domingos de) sua virtude . . . . . 206.  
 SIL, Rio, se he o Minho . . . . . 212.  
 STRABAM, porque chama do Esquecimento ao Rio Lima - 80.

## T

TEMPLEMAN, o que diz da Povoação do mundo - 63.  
 TERRA, o que dá para o Commercio . . . . . 50.  
 TERRAS, o como são divididas, e possuidas . . . . . 55.  
 TINTA de escrever, varios modos de fazer-se . . . . . 182.  
 TROVELA, Ribeiro, onde está . . . . . 113.  
 TURDULOS, como se portáraõ no Lima . . . . . 80.

## V

VALOR dos naturais da Ribeira Lima . . . . . 305.  
 VERSOS em louvor da Provincia do Minho . . . . . 88.  
 VESTIGIOS de Cidades junto a Ponte de Lima . . . . . 127.  
 VIANNA, sua fabrica de sola . . . . . 164.  
 VIAS Romanas, militares, e vicinales . . . . . 251.  
 VILLAS, como se principiaõ . . . . . 57.  
 VIRGENS Vestais, seus privilegios em Roma . . . . . 203.  
 VISCO Quercino . . . . . 173.



223

- VISGO, como se faz de varios modos, e seu uso - 175, 176, 177.  
 VOLTAIRE arguido - 202.  
 URSELINAS Freiras, uteis á Religiaõ e ao Estado - 208.  
 USNEA dos carvalhos - 187.  
 VULTURNIO ou Vitorinho das Donas - 113.

W

WALACE, seus discursos sobre a Populaçaõ - 62. e seg.

ERRATAS.

Pag. 15, a nota (a) pertence á seguinte.	Pag. 134, not. (a) Lea-se: da Acad.
17, reg. 16. Lêa-se: acçoens e familias esclavizadas	135, reg. penult. Inferni.
25, 32. de 1367.	138, 9. Dissertaçaõ dos noffos.
30, 18. Martim.	139, 29. pelos.
33, not. (a). Protection & des Soins.	142, 33. substancia.
45, 19. quanto.	166, 2. qualquer.
57, 7. alguma.	173, 1. leguminosas.
29. muito.	178, 22. semelhantes.
68, 30. estendia.	181, 11. canaliculos.
74, not. (b) Epit.	188, 30. Pontac.
75, 4. Inferni.	199, 31. Uranopolis.
79, 16. reqü.	208, 7. de Pereiras.
80, 10. o lemos.	215, 9. no dia.
81, 22. Al Letbes.	228, not. (c) Tr.
84, 8. jamás.	255, 14. Guimaraens.
89, 6. saudes.	283, 12. e o encontro.
98, 23. altercaçoens.	284, 17. inferivaõ.
99, 31. nacional.	299, not. (a) Genial.
105, 15. com huma.	308, 28. quatro.
113, 15. hoc usque.	312, 31. Romanos.
115, 10. Puente.	352, á margem. Est. 1. Esc. 5.
118, 15. pelo.	362, á marg. Est. 1. Esc. 9.
132, 26. ereptum.	369, á marg. Esc. 12.
125, not. (a) Flor.	378, á marg. Est. 1.
128, 27. havemos.	383, 15. o Desembargador.
133, 27. Ezebrarii.	397, 9. entierement.

Na pag. 404 se diz, que D. Urraca de Albornoç casara com Gomes Carrilho, e na pag. 405 se dá por mulher a Gomes Carrilho D. Joanna Garcia de Albornoç Assim lha dá Trelles, Astur. Illustrad. Tom. 2, Part. 1. cap. 27. Isto porem se aclarará, quando se tractar do appellido CUNHA Na mesma pag. 405 se emende a repetiçaõ de D. Joanna Garcia em D. Teresa Carrilho, que foi a que casou com Lopo Vasques da Cunha.

*Berem* AD



# ADVERTENCIA

Ao Encadernador para Collocaçã das Estampas no  
T O M . I .

- A pag. 1. Est. do titulo = Os Estrangeiro no Lima:
- A pag. 141. Vista da Rua d'alêm da Ponte e Freguezia de S. Marinho de Arcuzêlo.
- A pag. 333. Nobiliarchia Portugueza Illustrada, Est. 1.

ERRATA

Page	Original	Correction
1	Os Estrangeiro	Os Estrangeiros
141	Vista da Rua d'alêm da Ponte	Vista da Rua d'além da Ponte
333	Nobiliarchia Portugueza	Nobiliarchia Portugueza
1	Est. do titulo	Est. do titulo
141	Vista da Rua d'alêm da Ponte	Vista da Rua d'além da Ponte
333	Nobiliarchia Portugueza	Nobiliarchia Portugueza

... que D. Urcia de A. honros casou com Gonçes ...  
 ... e na pag. 141 se dá por macher a Gonçes ...  
 ... de A. honros ...  
 ... quando se macher do ...  
 ... de D. Urcia ...  
 ... que foi a que casou com Lopo Vazquez de ...



326

305





# ADVERTENCIA

As Entidades para Crianças das Escolas no

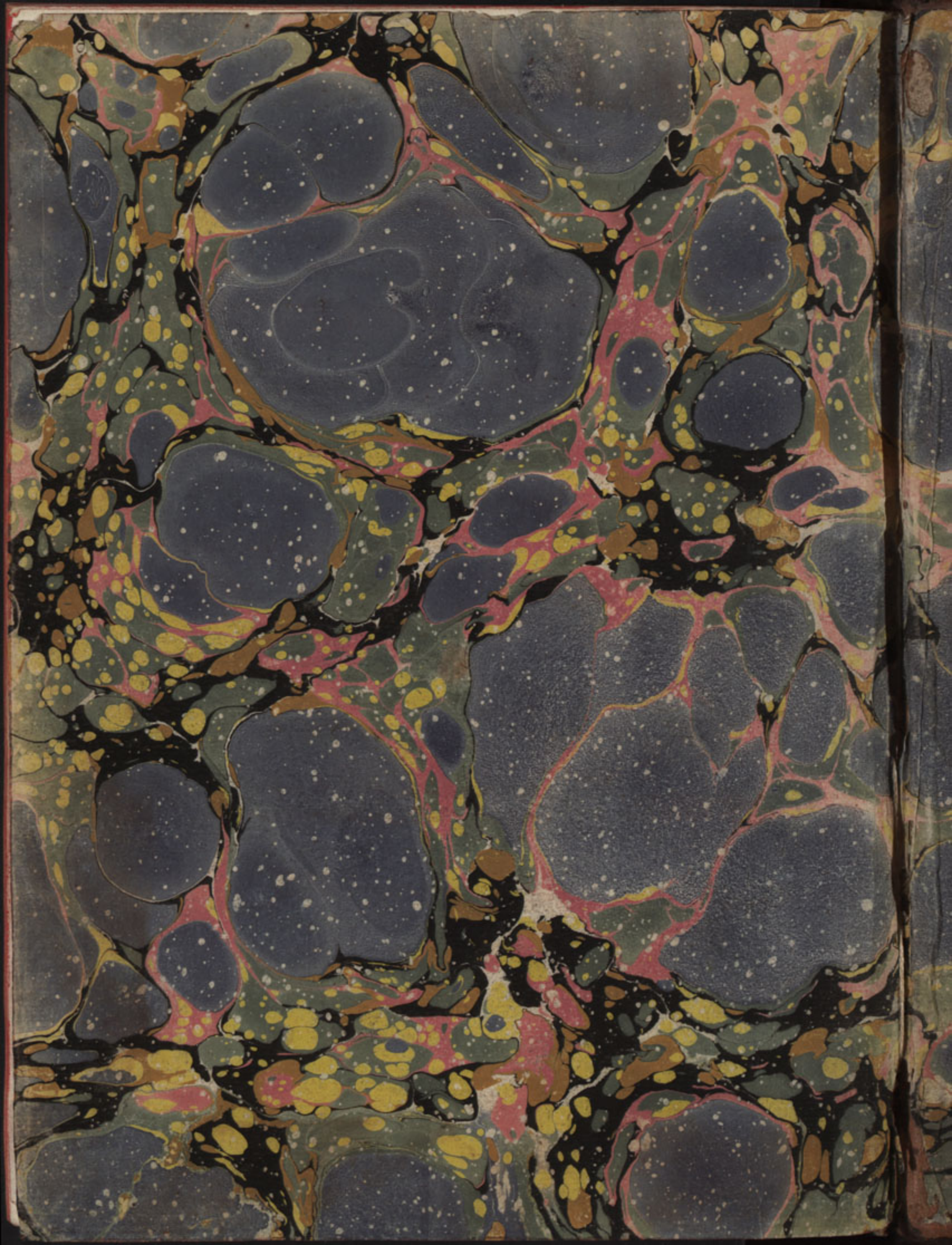
F. O. M. L. T. C.

1.º - São Paulo, 1911.  
2.º - São Paulo, 1911.  
3.º - São Paulo, 1911.

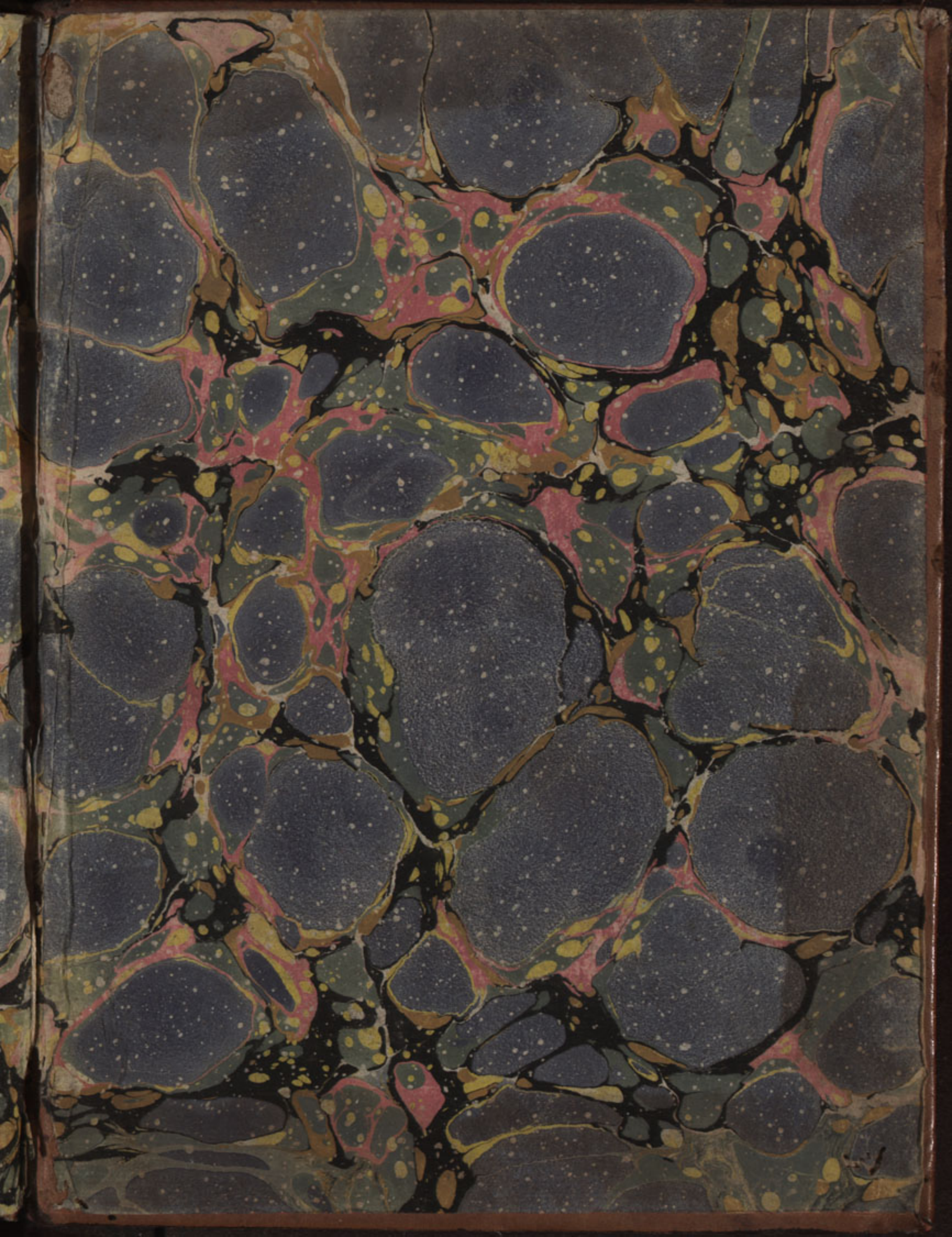




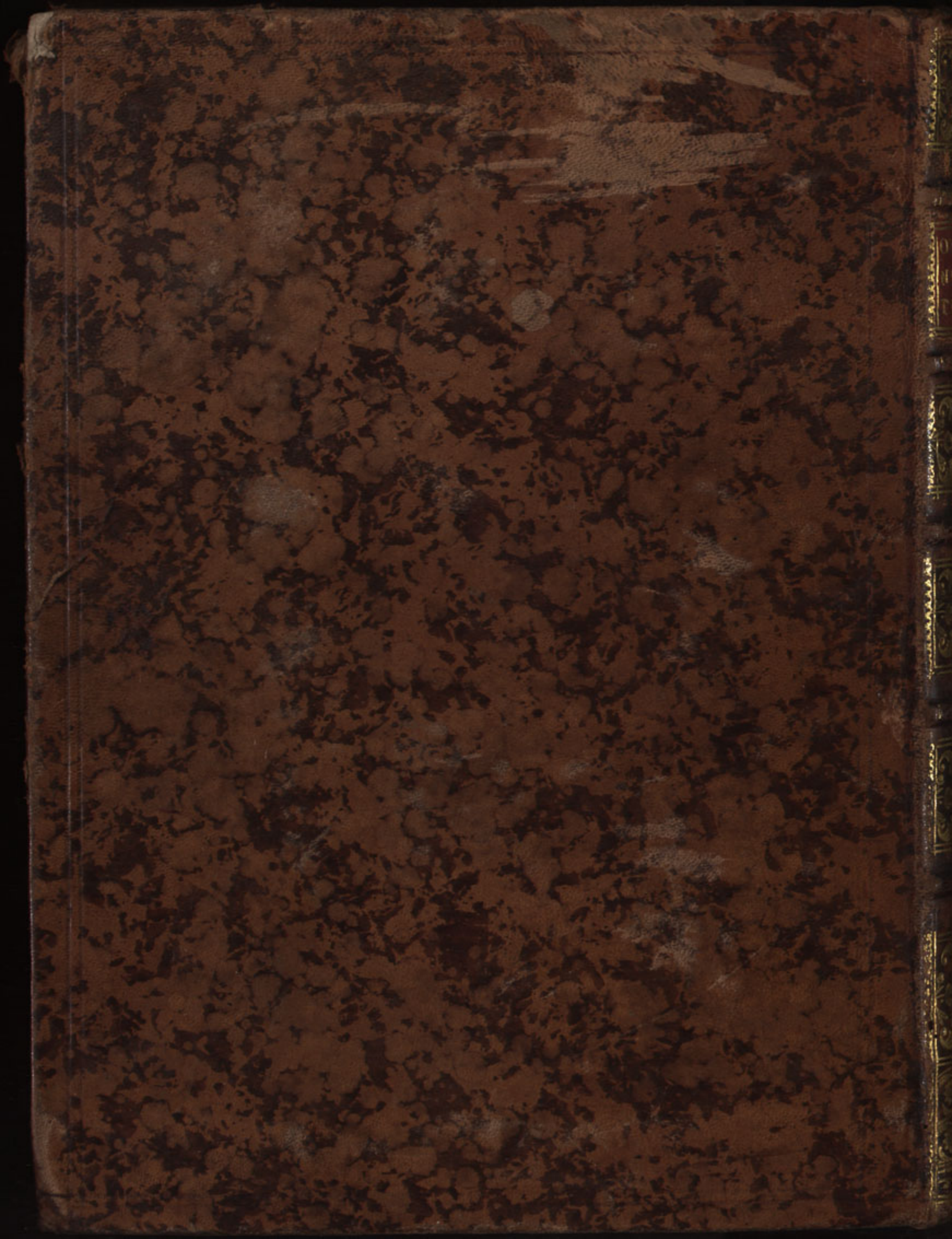














OSBSTRANG  
NOLIMA  
TOM. I.

